



Ygor Martins da Cruz

DRE: 116041617

Turno Integral

**Alice Marques dos Santos e a profissionalização feminina no campo da medicina
psiquiátrica (1933-1964)**

Rio de Janeiro

Novembro/2019

**Alice Marques dos Santos e a profissionalização feminina no campo da medicina
psiquiátrica (1933-1964)**

Ygor Martins da Cruz

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Aparecida Rezende Mota

Rio de Janeiro
Novembro/2019

Aos condenados da terra.

Agradecimentos

Há quem diga que a redação do trabalho acadêmico se faz no deserto. Tenho dúvidas quanto a isso, tendendo a discordar. Em alguma canção, quis Bituca: “trago comigo as lembranças do que eu era” e, de fato, a escrita para mim se concretiza como exercício coletivo; meu texto é produto de encontros. Assim, não são poucos aquelas e aqueles que foram fundamentais no meu percurso acadêmico. Nomear um a um não dá conta de tantas/os, da mesma forma que é injusto não fazer alguns agradecimentos pessoais. Viver é tarefa árdua, é “moer no áspero” (Guimarães Rosa), é estar diante da insistente possibilidade de esquecimento. Como seja, sou grato a todo mundo que em algum momento cruzou por mim durante esses últimos anos.

Primeiramente, agradeço à minha família e não teria mesmo como ser diferente. Meus pais, não obstante nossas muitas (muitas!) diferenças que trouxeram tantas dores para a gente, não pouparam esforços e investiram incansavelmente na minha formação acadêmico-escolar. No Brasil, país que teima em não romper com seus ciclos históricos de desigualdade, a educação é uma das poucas possibilidades que viabilizam a transformação social de negras e negros. Encarando-a com essa perspectiva, até onde puderam me deram o melhor que puderam... Livros, escolas, cursos de línguas. Esse trabalho, sem dúvida, se concretiza como uma vitória nossa, fruto do esforço de um grupo que, mais do ninguém, acreditou em mim.

Aos amigos, família que escolhi: vocês são minha base fundamental. Dedico a vocês meus acertos, porque sei que diante dos erros tenho colo e carinho. Os amigos do CPII e do IH são tantos que seria necessário uma monografia somente para indicá-los. Deixo, porém, meu registro aos queridos do “Grelô”, aqueles que vieram da escola e estão comigo até hoje. Da mesma forma, Isabela, Pérola, Dani, Letícia, Julia e Bruna são presentes que o IH me permitiu o privilégio de trazer junto a mim a cada momento. À Raisa e à Eliza, amigas que a pesquisa de iniciação científica na COC me deu, todo meu carinho. Que fique meu registro de um amor que transborda seus limites.

Acho que a pesquisa, de forma geral, se faz a partir das arestas. O questionamento, a problematização, o recorte, afinal, formam o trabalho do historiador que seria inviável sem a visão crítica daquelas e daqueles que o tempo lotou de experiências. Aqui, agradeço às minhas muitas orientadores e orientador: Alda Heizer, Maria Aparecida Mota, Cristiana Facchinetti e Allister Dias. A *expertise* de vocês foi fundamental pra consolidação da minha formação. Muito obrigado pelo carinho de cada encontro. Mas, sobretudo, pelo desejo de investir no outro; cada crítica é um tijolo de um edifício que quer estar em constante reforma. Vocês serão referências-para-sempre!

Do meu desejo por um mundo bom, justo e melhor, os movimentos sociais me presentearam com tantos amigos que, da mesma forma, seria impossível nomeá-los. Deixo aqui meu agradecimento especial às companheiras e companheiros de organização. Queridas e queridos do Enegrecer, da Kizomba, do (sempre glorioso) Partido dos Trabalhadores, do Movimento Negro Unificado... Como aprendo com vocês dia após o outro! Nossa força coletiva dá sentido para nossas ações e me faz cada vez mais consciente de que somente quem se move é capaz de sentir as correntes que nos aprisionam. A luta, nossas lutas, é parte essencial da minha trajetória acadêmica e, por isso, também aos companheiros de outras forças políticas que se tornaram amigos nesses encontros que o movimento estudantil e negro proporcionam. Que a gente construa entidades de representação sólidas e que esses tempos tão duros sejam preenchidos por ventos democráticos, nosso maior bem comum.

Às turmas do Jardim Botânico, da Casa de Oswaldo Cruz, do Instituto Pereira Passos, do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região e da Escola Técnica Adolpho Bloch – instituições onde fiz pesquisa, estagiei e prestei trabalhos – e também do Colégio Pedro II e da UFRJ – lugares onde estudei –, meu carinho por vocês todas e todos é gigantesco! Deixo meu registro especial às professoras Eulália e Andreia e ao professor Tiago: três exemplos imensuráveis de como uma educação que emancipa é possível, quando realizada com brilho nos olhos. Janete Ribeiro, professora de quem fui estagiário, é um dos maiores exemplos de como conjugar ensino-afeto por meio da sala de aula-academia-movimentos sociais. Muito obrigado pelo apoio, pessoal!

Finalmente, meu agradecimento especial vai para todas/os intelectuais negras/os, letrados ou não, do passado, do presente e do futuro. Minhas referências principais porque, frente a tantos desafios quotidianos impostos a nós, fazem da história do Brasil a história do movimento negro. Se Lélia Gonzalez estava certa quando definiu que o lugar social do negro por aqui é a lata de lixo, que a nossa “Ciência do Lixo” sirva para acordar da casa grande aqueles que dormem de seus sonos injustos (Conceição Evaristo).

Só gratidão!

Resumo

Alice Marques dos Santos e a profissionalização feminina no campo da medicina psiquiátrica
(1933-1964)

O presente estudo propõe-se a investigar os primeiros anos profissionais da médica psiquiatra Alice Marques dos Santos. A partir da análise dos principais periódicos que circulavam no, então, Distrito Federal e da revista especializada em medicina mental *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal* procuramos investigar qual foi a inserção da personagem no interior da sociedade psiquiátrica que, ao longo do recorte estabelecido, autonomizava-se e especializava-se. Pretendemos examinar quais mecanismos a médica mobilizou para sua construção profissional, como seus passos nesta carreira alinharam-se àquele tempo-espço e o funcionamento de suas redes de interação de acordo com o cenário mais amplo.

Palavras-chave: trajetória; psiquiatria; Alice Marques dos Santos; mulheres na ciência.

Lista de Abreviaturas

ABPNML: Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal.

FMRJ: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

HNA: Hospital Nacional de Alienados.

SBNPML: Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal.

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo I – “A illustrada assistente do professor Austregesilo”: mecanismos, estratégias e os primeiros passos profissionais de Alice Marques dos Santos.....	7
Capítulo II – “O psiquiatra é também um missionário, um curador de almas”: a Dra. Alice, seus espaços profissionais e sua produção acadêmico-científica....	23
Considerações finais.....	37
Referências.....	40
Fontes.....	40
Referências bibliográficas.....	40

Introdução

Por mais de cem anos, o Hospital Nacional de Alienados (HNA) (1841-1944) foi a principal referência do campo médico psiquiátrico do Brasil. No país, foi a primeira instituição voltada exclusivamente para doentes mentais, organizando-se como um grande complexo asilar que, por muito tempo, orientou as práticas médico-psiquiátricas seguidas no, então, Distrito Federal. Nesse sentido, o HNA funcionou como importante polo irradiador de conhecimentos relativos ao mental e ao psíquico. De acordo com os autores do artigo “Os arquivos do Hospital Nacional de Alienados”¹, pesquisas recentes sobre a história dessa instituição no decorrer do século XX revelam que ela se consagrou como um “centro de referência em âmbito nacional e internacional de produção e difusão de saberes médico-psicológicos e práticas assistenciais, e também normalizadoras”². Em seu interior, incontáveis atores sociais disputaram narrativas e travaram conflitos a partir de seus interesses e vontades, realizando concessões segundo as possibilidades que se apresentaram em seu tempo.

A comunidade psiquiátrica brasileira, ao longo das primeiras décadas do século passado, era complexa. É possível afirmar que diferentes linhas de força atravessavam o pensamento de médicas e médicos que atuavam nessa arena e, frente a outros personagens (pacientes e seus familiares, juristas, autoridades públicas) e instituições (como a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e o Pavilhão de Observações, por exemplo) associados a esse universo, reivindicavam seu espaço no processo de elaboração dos conceitos, saberes, técnicas, práticas e empreendimentos relativos à clínica psiquiátrica. De modo geral, a partir da inauguração do Hospício de Pedro II – precursor do Hospital Nacional de Alienados –, em 1842, e durante parte considerável do século XIX, a base teórica de formação e atuação dos psiquiatras brasileiros advinha essencialmente da França, conforme assinala Magali Engel³. Informado pelas teorias de Philippe Pinel (1745-1826), o alienismo incorporava as recomendações sobre as doenças mentais, suas causas e origens, bem como terapêuticas e procedimentos de cura.

Contudo, ao analisar a história do Hospício de Pedro II durante o século XIX, Daniele Corrêa Ribeiro⁴ propõe que “o discurso médico acerca do alienismo não poderia, sozinho, dar conta de um universo tão complexo de diferentes demandas e expectativas”⁵. Assim, trabalhos

¹ DIAS, Allister; RIBEIRO, Daniele; MACIEL, Laurinda; MATHIAS, Cátia. Os arquivos do Hospital Nacional de Alienados. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, v. 32, n. 1, p. 92-111, 2019.

² *Ibidem*, p. 96.

³ ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios* (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

⁴ RIBEIRO, Daniele Corrêa. Ciência, caridade e redes de sociabilidade: o Hospício de Pedro II em outras perspectivas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 23, n. 4, p. 1153-1167, 2016.

⁵ *Ibidem*, p. 1154.

como este têm aprimorado as reflexões de Engel⁶, pioneira dos estudos relativos a essa instituição. O fato é que durante a virada do século XIX para o XX, especificamente em relação à cena médica brasileira, assistiu-se a um conjunto de transformações no que diz respeito à sua composição. Joel Birman, por exemplo, quando analisa “A cena constituinte da psicose maníaco-depressiva no Brasil”⁷, afirma que as linhas de força que orientavam as leituras sobre a psiquiatria brasileira foram transformadas. Para ele, a nomeação de Juliano Moreira (1873-1933), em 1903, para a direção do HNA foi “signo eloquente de tal transformação, que, no entanto, já havia sido iniciada algum tempo antes”⁸.

Trata-se da substituição dos paradigmas teóricos do alienismo francês que caracterizavam a instituição pelas concepções organicistas alemãs, notadamente, aquelas desenvolvidas pelo psiquiatra alemão Emil Kraepelin (1856-1926). Conforme alguns estudos têm destacado, ao longo da passagem do século XIX para o XX as diretrizes germânicas de conceituação, tratamento e cura das doenças mentais incidiram com intensidade no pensamento desenvolvido pelos psiquiatras brasileiros⁹. Tanto é que alguns especialistas definem este processo como a fundação da psiquiatria brasileira – como é o caso de Ana Teresa Venancio e Lázara Carvalhal¹⁰.

De todo modo, podemos perceber que o cenário médico daquela que foi a maior instituição asilar da América Latina por tanto tempo era palco de profundos debates que configuravam as dinâmicas internas e externas do Hospício. Neste sentido, concordamos com Birman, quando afirma que “se a tradição psiquiátrica francesa foi crucial no tempo inicial do alienismo no Brasil, foi a tradição alemã que passou a dar as cartas do jogo da verdade com a virada em questão”¹¹. Tornando-se hegemônica entre os psiquiatras daqui, a perspectiva germânica formava e informava os especialistas e futuros especialistas da ciência psiquiátrica que passaram pelo HNA nesses tempos.

⁶ ENGEL, Magali Gouveia. Os delírios da razão, *op. cit.*

⁷ BIRMAN, Joel. A cena constituinte da psicose maníaco-depressiva no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, suppl. 2, p. 345-371, dez. 2010.

⁸ *Ibidem*, p. 346.

⁹ Ver FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 20, n. 1, p. 239-262, 2013; e MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015. 356 f.

¹⁰ VENANCIO, Ana Teresa A.; CARVALHAL, Lázara. Juliano Moreira: a psiquiatria científica no processo civilizador brasileiro. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; RUSSO, Jane Russo; VENANCIO, Ana Teresa A. (Orgs.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

¹¹ BIRMAN, Joel. A cena constituinte da psicose maníaco-depressiva no Brasil, *op. cit.*, p. 347.

Um conjunto mais amplo de mudanças acompanhou o desenvolvimento do Brasil a partir das primeiras décadas do século XX. Gradativamente, assistia-se transformações nunca antes observadas em outros tempos, de forma tal que as ações, os interesses, as demandas e os imaginários dos personagens atuantes nesse contexto maior desenhavam um novo projeto de país. A noção de modernidade passou a orientar as perspectivas desenvolvidas por alguns desses personagens e, articulada a ela, uma agenda de debates abriu-se diante daquela sociedade.

No que diz respeito, por exemplo, aos padrões comportamentais estabelecidos para as mulheres notou-se alterações significativas em relação às expectativas que eram postas sobre esse gênero. De acordo com Nara Azevedo e Luiz Otávio Ferreira¹², para um número considerável de brasileiras, especialmente, aquelas ligadas aos grupos sociais médios e urbanos, a experiência de escolarização possibilitada pelas políticas sociais e educacionais da época, foi fundamental para esse processo. No estudo mencionado, seus autores apontam que incontáveis mudanças sociais e culturais possibilitaram a fundação de uma comunidade científica.

No que diz respeito à modernização experimentada pelo Brasil nessa época, a lógica a partir da qual o país passou a ser organizado alterou “padrões de sociabilidade, gerando novas expectativas individuais e familiares e impondo novas demandas profissionais”. Com base nisso, “criou[-se] condições para que as novas experiências de escolarização fossem sendo apropriadas e ressignificadas pelas mulheres”¹³. Pode-se afirmar, assim, que desde a década de 1920 promovia-se um número cada vez maior de ações que objetivavam a inclusão de determinadas mulheres no ambiente científico e profissional do país.

A historiografia que se ocupa com a temática tem desenvolvido importantes estudos sobre a trajetória de algumas dessas personagens. Tanto do ponto de vista individual, quanto do ponto de vista coletivo, a análise dessas histórias tem destacado a relevância de projetos, interesses e abordagens que integraram a constituição profissional de mulheres que decidiram ocupar a comunidade acadêmica e científica brasileira. Porém, ainda existem grandes lacunas nessa produção, em virtude de sua variação temática e da amplitude de interpretações que o tema provoca. Aos poucos, com o aprofundamento dos debates em torno de dinâmicas de gênero que se desenrolaram por aqui, esses espaços vêm sendo preenchidos.

Investigar, portanto, a trajetória da médica Alice Marques dos Santos é uma possibilidade privilegiada para entender com maior clareza e detalhamento a composição da

¹² AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 27, p. 213-254, jul./dez. 2006.

¹³ *Ibidem*, p. 249.

comunidade científica brasileira ao longo do século XX. A escassez de pesquisas no campo da História e, em especial da História das Ciências, que tenha tratado de sua vida já indica a relevância de estudá-la. O historiador Jacques Revel em seu prefácio à obra de Giovanni Levi, *A herança imaterial*, assinala que “se pode refletir sobre a exemplaridade de um fato social sem ser em termos rigorosamente estatísticos”¹⁴. Ou seja, em que pese a abordagem biográfica para os estudos históricos, é possível identificar, por meio de trajetórias específicas, um conjunto de problemas e/ou estratégias presentes no processo de desenvolvimento social no decorrer do tempo.

Um investimento analítico sobre a vida da Dra. Alice Marques dos Santos permite que, a partir de diferentes escalas e, portanto, do exame dos diferentes contextos nos quais a médica atuou, a reconstituição desse tempo-espaço torne-se mais nítida, possibilitando, neste sentido, a verificação mais precisa dos cruzamentos, limites e desafios que compõem as fronteiras entre história, ciência, medicina e gênero.

Alice Marques dos Santos formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), no ano de 1933, com a Tese de Doutorado “Sobre um novo método de diagnóstico da lues [sífilis] nervosa”, que recebeu o Prêmio Miguel Couto – oferecido ao melhor trabalho do ano. Em 1936, trabalhou como assistente do doutor Antônio Austregésilo (1876-1960), importante nome entre os médicos psiquiatras brasileiros que atuou em consultórios particulares, no HNA e na Clínica Neurológica da FMRJ. No ano de 1941, prestou concurso público para o cargo de “Médico Psiquiatra”; tendo sido aprovada, ingressou para o corpo de profissionais do Hospital Psiquiátrico.

A médica foi ativa apoiadora de Carlos Lacerda (1914-1977), participando de jantares e homenagens ao político que governou o antigo Estado da Guanabara entre 1960 e 1965. É frequentemente descrita como parceira inseparável da também médica Nise da Silveira (1905-1999), com quem participou de congressos, grupos de estudos e foi uma das fundadoras da Casa das Palmeiras. Adepta das teses de Carl Gustav Jung (1875-1961), projetou sua carreira a partir da interação entre a Psiquiatria e a Psicanálise. Sabe-se ainda que, a partir de 1964, foi diretora do Centro Psiquiátrico Nacional, tendo sido, portanto, a primeira mulher a alcançar esta posição.

¹⁴ REVEL, Jacques. A história ao rés do chão. In: LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 34.

Pretende-se, portanto, investigar a atuação e projeção profissional e acadêmica da médica Alice Marques dos Santos nesse ambiente de debates e tensões que marcam a sociedade brasileira no período em questão. Para isso, mobilizamos um conjunto variado de fontes históricas, como as atas das reuniões da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal; os artigos da doutora publicados no periódico da instituição entre os anos de 1933 e 1955¹⁵ e em outros periódicos científicos da época, como os *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*; e jornais diários que circulavam pelo, então, Distrito Federal entre as décadas de 1930 e 1960, disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Estabelecemos como recorte temporal para esta investigação os anos compreendidos entre 1933 e 1964, pelas seguintes razões. Em 1933, Alice Marques dos Santos recebeu seu diploma de formação na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, iniciando os primeiros anos de sua atuação profissional. Já em 1964, precisamente no dia 28 de junho, tornou-se “a primeira psiquiatra brasileira que assumiu a direção de um grande hospital, o Hospital Pedro II”¹⁶; passou a ocupar, portanto, outro nível de projeção em sua trajetória. Deste modo, ao longo do decorrer dos trinta anos que separam o início de sua atuação médica e o reconhecimento e a consolidação de seu trabalho, ao assumir a função de diretora, é possível verificar marcas socioculturais que atravessaram sua carreira e são essas características que esta pesquisa procura examinar e analisar.

A documentação selecionada para o trabalho, será analisada a partir dos conceitos de *trajetória*, adotado por Sabina Loriga, sobretudo em “A biografia como problema”; e o de *comunidade científica*, discutido por Simon Schwartzman, em *Formação da comunidade científica no Brasil*. Em relação ao primeiro conceito, a historiadora francesa aponta “a exigência de se estudar os indivíduos”¹⁷, uma vez que a investigação biográfica permite entender com maior clareza os atos sociais, de forma que o singular se projeta como objeto de tensão para o geral. Para ela, “o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado”¹⁸. Ou seja, buscamos aqui investigar os jogos de luz e sombra, as aproximações e os afastamentos, da vida da Dra. Alice Marques dos Santos que se articulam com seu contexto social e profissional mais amplo.

Em relação à noção de *comunidade científica* explorada por Schwartzman, entende-se que ela funciona como uma rede em que tensões são expostas e conflitos são constantemente

¹⁵ Segundo Cristiana Facchinetti *et al*, esta foi a última data do periódico encontrada pelas pesquisadoras.

¹⁶ *Correio da Manhã*, “Notas Médicas”, 28 de junho de 1964, p. 14.

¹⁷ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 244.

¹⁸ *Ibidem*, p. 244.

apresentados, negociados e reconfigurados. Isto é, ao definir a ciência como um sistema social baseado em um conjunto de conhecimentos que se organiza a partir de sua própria lógica em torno de "uma *comunidade* que funciona como uma extensa rede de pessoas e relações"¹⁹, pode-se pensar com mais clareza sobre as tensões e os conflitos que se desenrolaram no interior da comunidade médico-psiquiátrica brasileira e avaliar o papel da médica nesse contexto específico. Tendo isso em vista, por meio dos conceitos de *trajetória* e de *comunidade científica*, pretendemos reconstituir o cenário profissional no qual se desenvolve a vida de Alice Marques dos Santos. A partir da aproximação entre essas noções e o objeto da investigação, alguns aspectos da carreira da médica serão analisados.

A presente Monografia organiza-se em dois capítulos; no primeiro, o objetivo é investigar as estratégias que Alice Marques dos Santos mobilizou para ocupar seu universo profissional durante seus primeiros anos de atuação na clínica médico-psiquiátrica. No segundo, pretende-se analisar o processo de consolidação e reconhecimento profissional da médica, a partir das relações que desenvolveu a partir da FMRJ, da SBMPML e HNA.

¹⁹ SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos, 1979, p. 19.

Capítulo I – “A ilustrada assistente do professor Austregésilo”: mecanismos, estratégias e os primeiros passos profissionais de Alice Marques dos Santos

Alice Marques dos Santos nasceu no município de São Gonçalo (RJ), em 5 de maio de 1911. Até aqui, temos poucas informações sobre o histórico familiar da médica psiquiatra que morreu no ano de 1996. Essas, entretanto, são lacunas de nosso interesse. Objetivamos preenchê-las, conferindo a elas significados e sentidos socioculturais, ao longo dessa investigação.

Sabe-se que, na década de 1920, Alice foi estudante do Colégio Altivo, localizado no bairro Barreto, em Niterói – cidade onde passou parte considerável de sua infância. Do ponto de vista do rendimento escolar, no que diz respeito às suas notas e ao aproveitamento das disciplinas, ao que tudo indica, foi uma excelente estudante para os padrões de seu tempo. De acordo com o jornal *O Fluminense*²⁰, uma prática comum na escola onde estudou era a realização de avaliações e concursos periódicos que aferiam e classificavam os estudantes, de acordo com seu rendimento escolar.

Em março de 1920, a futura médica ocupava a segunda posição da primeira turma do Colégio Altivo. Com média 9,0, a diferença que a separava da primeira colocada era de apenas meio ponto, enquanto que a média da terceira colocada era 6,2 pontos. Seis meses depois, em setembro daquele mesmo ano, assumiu a primeira posição entre os demais alunos. Em 1924, prestou exames para o Colégio Pedro II, importante instituição de ensino que funcionava como referência educacional²¹ para o restante do Brasil, àquela altura. Não localizamos alguma documentação que assegurasse que, efetivamente, Alice tenha passado neste concurso, tornando-se estudante da escola. No entanto, a partir do interesse em colocá-la em uma instituição de ensino marcada por profundo prestígio social, é possível identificar a preocupação que sua família assumiu frente à sua formação já nos primeiros ciclos de escolarização.

Ao longo do desenvolvimento de sua trajetória escolar, Alice foi bastante atuante. Prova disso foi, por exemplo, sua participação escrevendo e recitando poesias no Instituto Literário do Colégio Altivo como indica matéria de jornal. Colaborou, também, na revista da escola, a *Aspirante*, "uma revista infantil que se publica em Nictheroy, sob a direção do illustre educador Sr. Dr. Altivo Cezar"²². Conforme decorreu sua infância, participou de uma série de concursos de escrita de crônicas e contos voltados para crianças. Seu nome apareceu, por exemplo, em

²⁰ *O Fluminense*, “Collegio Altivo”, 8 de abril de 1920, p. 1.

²¹ MASSUNAGA, Magda Rigaud Pantoja. *O Colégio Pedro II e o ensino secundário brasileiro: 1930-1961*. 1989. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

²² *Gil-Blas*, 6 de janeiro de 1923, p. 8.

várias dessas competições promovidas pela revista *Tico-Tico*. Sabe-se que no ano de 1928 Alice prestou exame vestibular para o curso de Medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Fez uma série de provas, entre elas química, física, história natural, anatomia, biologia, e, aprovada, iniciou seus estudos na referida faculdade, que se concretizou como um dos principais espaços de circulação da médica. Diplomou-se em 2 de dezembro de 1933, quando passou a exercer profissionalmente sua carreira.

Psiquiatra, psicanalista, adepta da Terapia Ocupacional, seguidora das proposições teóricas de Carl Gustav Jung no que se refere à sua prática, Alice foi, ao lado de Nise da Silveira, uma das fundadoras da Casa das Palmeiras, "uma espécie de ponte entre a sociedade e o hospital, onde o doente é assistido através dos médicos modernos da terapia ocupacional, que visa principalmente à reabilitação social do paciente"²³. Segundo Felipe Sales Magaldi, "trabalhou como parceira de Nise em boa parte de sua carreira institucional"²⁴ e, assim, a psiquiatra tem sido mencionada frequentemente em vários trabalhos que tratam da vida da médica alagoana, ou da História da Psiquiatria no Brasil de forma mais geral.

Os anos se seguiram e a Dra. Alice ocupou muitos cargos pelos diferentes espaços de atuação profissional onde passou. Alguns merecem destaque, como o de secretária e bibliotecária na Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal; o de médica psiquiatra no Hospital Nacional de Alienados; o de diretora do Centro Psiquiátrico Nacional, o de vice-diretora da Casa das Palmeiras. Alice Marques, como profissional, integrou também uma série de associações científicas, como a própria SBNPML, e grupos de estudo e de pesquisa, a exemplo do Grupo de Estudos de Psicologia C. G. Jung e do Centro de Estudos Paulo Elejalde, a fim de aprimorar sua atuação como médica.

Na manhã do dia 3 de junho de 1936, quarta-feira, em sua primeira página, o jornal *Diário Carioca* anunciava que um evento importante havia acontecido na Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ). De acordo com a notícia, "elevado numero de professores e alumnos compareceu, hontem, ao Pavilhão de Aulas da Clinica Neurologica para ouvir a palavra da Dra. Alice Marques dos Santos"²⁵. Ao que parece, a médica

²³ *Jornal do Brasil*, "A psiquiatria de Alice. Jornal do Brasil", 15 de julho de 1964, p. 20.

²⁴ MAGALDI, Felipe Sales. *A unidade das coisas: Nise da Silveira e a genealogia de uma psiquiatria rebelde no Rio de Janeiro, Brasil*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018, p. 173.

²⁵ *Diário Carioca*, "Na clinica neurologica da Faculdade de Medicina", 3 de junho de 1936, p. 1.

conseguiu captar a atenção e o interesse de seus ouvintes com a palestra “Do liquido cephalo raqueano”. Até aquele momento, pouco mais de três anos separavam Alice do fim de seus estudos na Faculdade, do efetivo início de sua trajetória profissional, como médica psiquiatra. Seguindo os passos de seu orientador²⁶, “a ilustrada assistente do professor Austregesilo”²⁷ valeu-se das oportunidades que surgiram em seu tempo, a fim de projetar sua carreira e, pouco a pouco, constituir-se em personagem de relevo no cenário médico-psiquiátrico brasileiro.

Os anos de 1930 no Brasil apresentam um conjunto rico de transformações fundamentais para o exame do período. Se algumas mudanças desses tempos indiscutivelmente decorreram de conjunturas anteriores, a década de 1930 inaugurou no país um conjunto de novas demandas, anseios e práticas, sobretudo nos núcleos urbanos representados pelas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Mais do que isso, a década de 1930 preparou o país para muitas outras que se seguiram. De acordo com Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Starling, desde 1920, “o descontentamento andava por toda parte e não era privilégio de um só grupo social”. É mesmo possível afirmar que se iniciava uma nova “agenda de mudanças” que inaugurava “hábitos, procedimentos e diagnósticos que orientariam várias gerações. Se nesse momento se generalizou um sentimento de decepção com relação à República, foi também nele que se imaginou um Brasil moderno”²⁸. No interior desse contexto histórico, se inscreve a trajetória de Alice Marques dos Santos.

Em tempos de efervescência como aqueles, velhos debates ganhavam outros significados e novos questionamentos incluíam-se na gramática social e protagonizavam as pautas prioritárias de discussão entre variados grupos. O Brasil se redefinia em muitas de suas dimensões e, dessa forma, sua configuração e organização eram diretamente confrontadas. Precisamente, em relação às redefinições que os segmentos sociais urbanos experimentavam os debates em torno das expectativas para mulheres e homens devem ser considerados no sentido de localizar a inserção histórica dos diferentes personagens que compartilharam cenas como

²⁶ O Dr. Antônio Austregésilo Rodrigues Lima (1876-1960) foi um importante nome entre os médicos psiquiatras brasileiros. Natural de Recife (PE), formou-se em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1899, defendendo a tese “Estudo clínico do delírio”. Especializou-se em Neurologia, consagrando-se nacional e internacionalmente como o “pai da Neurologia brasileira”. Atuou em consultórios particulares, no Hospital Nacional de Alienados, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em sua Clínica Neurológica na FMRJ. Foi membro de várias sociedades científicas, entre elas a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal; a Academia Brasileira de Letras; a Academia das Ciências de Lisboa; a Sociedade de Neurologia de Paris. Para mais informações cf. Martins, Ygor. “Antônio Austregésilo Rodrigues Lima”. Médicos que atuaram no Hospital Nacional de Alienados (blog). In: Biblioteca Virtual em História do Patrimônio Cultural da Saúde, 2018. <http://hpcs.bvsalud.org/vhl/temas/historia-saberes-psi/medicos/>.

²⁷ *Diário Carioca*, “Na clinica neurológica da Faculdade de Medicina”, 3 de junho de 1936, p. 1.

²⁸ STARLING, Heloisa; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 337-338.

aquela apresentada pelo *Diario Carioca* na manhã do dia 3 de junho de 1936. A proposta deste capítulo é investigar algumas estratégias e mecanismos, mobilizados por Alice Marques dos Santos, durante os primeiros anos de sua carreira, que resultaram na sua inserção no universo profissional e analisar como esses processos dialogaram com o contexto sócio histórico específico da médica e o mais amplo, ao qual sua história está associada.

A notícia publicada no *Diario Carioca* propicia um entendimento mais complexo sobre esses tempos. Nessa época, a Clínica de Neurologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sob o comando do Dr. Antônio Austregésilo, assistia um conjunto de conferências que tratavam de diferentes temáticas do campo neurológico. Pouco a pouco, a Neurologia diferenciava-se e autonomizava-se da Psiquiatria e da Medicina Legal, consolidando-se como um saber médico especializado, autônomo e independente. É, portanto, pertinente entender as variáveis que cruzavam esse ambiente, sabendo que um considerável número de estudantes, e até mesmo de professores da FMRJ, participaram e prestigiaram a palestra de Alice Marques dos Santos. De certa forma, esse fato aponta para o reconhecimento profissional que a médica reivindicava frente aos seus pares que, em resposta, legitimaram-na, naquela ocasião, como médica e, em especial, como psiquiatra.

A trajetória da Dra. Alice não é singular, ou excepcional no cenário mais amplo no qual seu cotidiano esteve mergulhado. No início do século XX, aglutinou-se um conjunto de mulheres que, paulatinamente, iniciou um processo de inserção em ambientes profissionais, científicos e acadêmicos, muitos dos quais, em outros tempos, restringiam-se ao público masculino. Universidades, centros de pesquisas, museus passaram a contar, em seu dia a dia, com um número cada vez mais ampliado de mulheres. É o caso, por exemplo, da antropóloga Heloisa Alberto Torres, examinado pela historiadora Mariza Corrêa. Ao se propor a narrar a história da Antropologia no Brasil, Corrêa selecionou a história de três mulheres que atuaram fortemente para a consolidação do campo antropológico e que auxiliaram no estabelecimento desta disciplina no país. Heloisa Alberto Torres, a Dona Helô, que por aproximadamente trinta anos atuou no Museu Nacional, foi uma de suas escolhidas.

Dona Helô iniciou seu trabalho na instituição aos 23 anos de idade, como auxiliar do antropólogo Edgard Roquette-Pinto e, aos poucos, foi se afirmando nesse ambiente, primeiramente, a partir de 1931, como chefe interina da Seção de Antropologia e Etnografia e, depois, como vice-diretora (1935-1937) e diretora (1938-1955) do Museu. De acordo com Mariza Corrêa, uma das marcas principais da trajetória de Heloísa Alberto Torres foi “seu empenho na formação de jovens pesquisadores através da experiência da pesquisa de campo e

no desenvolvimento da etnologia”²⁹. Tratava-se de uma de suas permanentes preocupações que se manifestou na vasta experiência com a orientação de estudantes, enfatizando o trabalho de campo como indispensável para a carreira de antropóloga(o).

Cabe ressaltar que a atuação da antropóloga situou-se em um tempo em que a disciplina Antropologia consolidava-se e autonomizava-se. Mesmo período de transformações das dinâmicas sociais que incluíam, por exemplo, as relações de gênero vivenciadas, sobretudo, por segmentos sociais urbanos, a partir das primeiras décadas do século XX. Por isso, as disputas travadas por ela não foram poucas e, sendo várias, não foram fáceis. “Confronto é uma palavra que poderia sintetizar boa parte da atuação de Heloísa no mundo intelectual de sua época”³⁰, comenta Mariza Corrêa; afinal, Heloísa Alberto Torres, por diversas vezes, foi a primeira mulher a ocupar lugares de comando nas instituições em que atuou profissionalmente. A disputa pela direção do Museu Nacional, por exemplo, expressa-o com clareza. Ela experimentou toda sorte de acusações em relação ao seu desempenho, enquanto concorria à direção do Museu Nacional. Corrêa informa que “Newton Dias dos Santos, chefe da Seção de Zoologia, acusava Heloísa de ter perdido peças (...); de descuido”³¹, entre outras críticas. Além desses ataques e articulado a eles, sofreu muitos outros que identificavam em seu gênero a justificativa para investidas tão incisivas.

Para Mariza Corrêa, é pouco provável que Heloísa Alberto Torres tenha sido classificada como uma feminista por suas contemporâneas, mesmo porque há evidências de conflitos relevantes nas relações entre elas. Entretanto, o fato é que, de acordo com historiadora, a antropóloga “foi uma presença constante no noticiário carioca dos anos 20 aos 50, e terá sido um modelo importante para muitas jovens, nesse período em que as mulheres começavam a frequentar a universidade em nosso país”³². De todo modo, sua trajetória oferece elementos para o estudo dos remodelamentos que a comunidade científica brasileira vinha elaborando naquele momento e ajuda a entender com maior precisão os contornos sociais que se concretizavam no país que se reformulava.

Outra trajetória que, assim como Alice Marques dos Santos, tem os primeiros anos do século XX como seu pano de fundo foi a da naturalista Bertha Maria Júlia Lutz. Esta, mais frequentemente visitada pela historiografia, tendo em vista a expressividade e projeção que alcançou em seu tempo, foi analisada pela historiadora Lia Gomes Pinto de Sousa em sua

²⁹ CORRÊA, Mariza. Dona Heloísa e a pesquisa de campo. In: _____. *Antropólogas e antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 142.

³⁰ *Idem*, p. 147.

³¹ *Idem*, p. 149.

³² *Idem*, p. 161.

Dissertação de Mestrado. Ao examinar a história da bióloga e líder feminista, Sousa descreve-a como “uma personagem influente em diversos aspectos na sociedade brasileira durante o século XX”³³. Filha do renomado microbiologista Adolpho Lutz, foi botânica e zoóloga do Museu Nacional e ainda colaboradora de seu pai no Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Além disso, teve atuação de grande destaque na organização do movimento feminista brasileiro com projeção internacional.

A vida de Bertha Lutz tem sido objeto de interesse do campo de investigação histórica há longos anos. Lia Gomes Pinto de Sousa afirma que importantes pesquisas foram responsáveis por visibilizar a carreira dessa naturalista. No entanto, sugere também que esses trabalhos tenderam, de forma geral, a colocar Bertha Lutz à sombra de seu pai, de forma tal que ela “parece, através do mestre, apoiar-se para sua própria inserção científica”³⁴. Adotando uma perspectiva diversa, Sousa destaca a forma como Lutz valeu-se de seu pertencimento a um grupo social, notadamente privilegiado, para construir suas próprias oportunidades e experiências. Neste sentido, é na atuação da cientista no campo educacional que Sousa concentra o exame da trajetória de Bertha Lutz.

Cabe ressaltar que, para Sousa, os anos iniciais da carreira de Bertha foram decisivos, na medida em que “a partir das atividades desempenhadas nesse período, abriu possibilidades para outras mulheres no campo da história natural, da museologia e no mundo público de uma maneira mais ampla”³⁵. É possível perceber, portanto, na atuação de Bertha Lutz, as marcas da transformação nas dinâmicas sociais que se desenrolaram no Brasil ao longo das primeiras décadas do século XX; neste caso, especificamente, aquelas relacionadas às questões de gênero.

Ao enfatizar a autonomia intelectual de Bertha Lutz, Lia Gomes Pinto de Sousa conclui que “a própria experiência pessoal de Bertha e muitas dessas mulheres que se mobilizavam, apontam para mudanças dos papéis tradicionais femininos”³⁶. É possível afirmar, nesta perspectiva, que o imaginário social brasileiro, pouco a pouco, incorporava novas percepções e sensibilidades, redefinía-se e reconfigurava-se diante de dinâmicas e processos que se manifestavam na sociedade. É neste sentido que Bertha Lutz, ao exercer “uma carreira numa importante instituição científica” e figurar “entre os espaços oficiais de definições legislativas

³³ SOUSA, Lia Gomes Pinto de. *Educação e profissionalização de mulheres: trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937)*. 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009, p. 10.

³⁴ *Idem*.

³⁵ *Idem*, p. 17.

³⁶ SOUSA, Lia Gomes Pinto de. *Educação e profissionalização de mulheres*, *op. cit.*, p. 157.

do país”, conforme Sousa destaca, “lança luz para a ocorrência de transformações em curso, mais do que permanências, na sociedade em que vivia”³⁷.

Alice Marques dos Santos, Heloísa Alberto Torres e Bertha Maria Júlia Lutz, independentemente das profissões que escolherem, aproximam-se a partir de um aspecto comum e compartilham muitas das perspectivas que compuseram seu tempo. Respectivamente, a médica, a antropóloga e a naturalista foram personagens conhecidas nas primeiras décadas do século XX e cada uma, da sua forma e do interior de seu campo de atuação profissional, foram responsáveis por desenvolver mecanismos e ferramentas próprias que possibilitaram e contribuíram para a presença cada vez mais frequente de mulheres em determinados espaços de atuação, outrora restritos aos homens. Como tantas outras, elas constituíram-se como profissionais, formularam respostas às demandas de seu momento e alteraram significativamente a sociedade brasileira. Em seu estudo, os historiadores Nara Azevedo e Luiz Otávio Ferreira discutem as mudanças ocorridas no Brasil a partir das “conquistas educacionais e, mais amplamente, do novo sistema de gênero que surgiu no decorrer da década de 1930”³⁸.

Azevedo e Ferreira avaliam que houve uma importante transição no perfil educacional da população feminina do início da República à década de 1940. Com isso, ocupam-se em investigar quais mudanças viabilizaram esse processo de transformação, tendo em vista a passagem do analfabetismo puro e simples à formação em nível superior. Cada vez mais, mulheres encaminhavam-se para profissões ditas científicas, como foi o caso da Dra. Alice Marques dos Santos, da antropóloga Heloísa Torres e da naturalista Bertha Lutz. Quem, afinal, foram elas? Qual é o perfil sociocultural delas? Quais mecanismos mobilizaram, por meio dos diferentes lugares sociais que ocuparam para a construção de suas personalidades profissionais? Propor respostas a essas perguntas, em certa medida, ajuda a refletir sobre os diferentes papéis que desempenharam no que concerne às remodelações sobre gênero e profissionalização que a sociedade brasileira assistiu ao longo do século XX.

O crescimento constante da presença de mulheres nas universidades ao longo das primeiras décadas da Primeira República é um dado significativo para o entendimento dos critérios culturais e institucionais que possibilitaram seu acesso às carreiras científicas em universidades e instituições de pesquisa. A educação para as mulheres, deste modo, poderia representar, entre outras mudanças, um importante mecanismo para a garantia da segurança econômica e/ou a obtenção de *status* social. É desta perspectiva que Azevedo e Ferreira

³⁷ *Idem.*

³⁸ AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. *Cadernos Pagu, op. cit.*, p. 216.

interpretam o aumento crescente do número de mulheres em instituições de ensino e pesquisa. Os historiadores acentuam que “o mundo moderno requeria uma redefinição da função materna, que deveria deixar de se confinar ao lar para se estender à vida pública”³⁹. A educação e o trabalho femininos, assim, serviriam ainda para o progresso e a civilização do Brasil. A partir dos anos 1920, os debates em torno da escolarização ganharam vigor e passaram a protagonizar a cena social, tornando-se objeto de intensos debates entre diferentes grupos sociais.

Levando em conta essas discussões que circulavam entre intelectuais, cientistas, acadêmicos brasileiros, Azevedo e Ferreira concluem que

para um contingente importante de mulheres, sobretudo as de classe média urbana, as experiências de escolarização proporcionada pelas políticas sociais e, mais especificamente, pelas políticas educacionais implantadas isoladamente a partir dos anos 1920, que efetivamente se institucionalizaram na chamada era Vargas, foram em larga medida responsáveis por importantes mudanças no sistema de gênero, especialmente no que diz respeito à inserção profissional de mulheres no mundo acadêmico e científico.⁴⁰

Tendo isso em vista, é possível incorporar a esta reflexão, a noção de "paradigma moderno" que, segundo Micael Herschmann e Carlos Alberto Pereira, marcou o Brasil. Segundo eles, tratou-se de um projeto que conformou-se a partir da virada do século XIX para o XX e concretizou-se, de fato, durante os anos 1920 e 1930. Esse modelo, além de ter sido importante para a organização das formas sociais de ver, pensar e sentir o mundo, foi responsável também por revelar a imagem que se tinha de nossa realidade nacional. Sobretudo a partir dos anos 1920, observou-se o desenvolvimento de um período marcado por profundas e intensas transformações em diferentes níveis. Em linhas gerais, conforme destacam, a palavra de ordem era “sintonizar-se com a Europa, ou melhor, 'civilizar-se' o mais rápido possível, de modo que o país pudesse, o quanto antes, competir no mercado internacional”⁴¹.

Em seu trabalho, Azevedo e Ferreira tentam demonstrar a agência feminina no interior do desenvolvimento da sociedade brasileira, problematizando a ideia de que as mulheres estiveram aprisionadas e imóveis no que diz respeito às suas opções de atuação, sob as prerrogativas da chamada dominação masculina. Aos poucos, por volta dos anos 1920, a mulher passava a ocupar novos lugares e, em diálogo com outras alterações em curso – como a industrialização, urbanização, imigração etc. – que reconstituíram a organização social do

³⁹ AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil, *op. cit.*, p. 236.

⁴⁰ *Idem*, p. 249.

⁴¹ HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto (Orgs.). O imaginário moderno no Brasil. In: _____. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 26.

Brasil, construía-se um novo imaginário em relação ao feminino e às expectativas sobre gênero. Os historiadores defendem que mesmo frente aos grandes desafios que se projetavam em suas vidas em virtude daquele contexto histórico, essas mulheres mobilizaram a seu favor e em seu interesse as fendas do sistema que as organizava socialmente.

Por isso, destacam suas impressões no que diz respeito ao que entenderam como modernidade e modernização por aqui. As cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, para eles, capitais que receberam marcas fundamentais das novas configurações do país no início do século XX, experimentaram um conjunto de mudanças que posicionaram o Brasil nos padrões do que se considerava modernidade. Com a inauguração de novas práticas e hábitos sociais, políticos e culturais adaptados às especificidades locais, a modernidade brasileira constituiu-se “avessa a uma ordem impessoal e ritualizada da vida social, característica do Estado burocrático, da civilidade e do individualismo burgueses”⁴². Nesta linha de raciocínio, propuseram que nossa modernidade desenvolveu-se por meio da fusão de orientações que, a princípio, seriam paradoxais e que, contudo, por aqui funcionaram juntas. Articulado a um profundo personalismo entre os sujeitos que compunham a cena social,

o moderno se efetivou com a industrialização da produção econômica, a constituição do mercado capitalista, a criação de novos ambientes humanos e a destruição dos antigos; acelerou-se o ritmo da vida; modificou-se o perfil demográfico, com uma acelerada urbanização, que atraiu vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades, além do contingente imigrante; instituiu-se um dinâmico sistema de comunicação e transporte; expandiu-se a burocracia e com ela o poder do Estado; os movimentos sociais se organizaram, desafiando a ordem política e, enfim, remodelaram-se os espaços físico e social⁴³.

Do ponto de vista da organização político-social, por exemplo, um dos elementos que mais se afinaram à proposta de modernização do Brasil diz respeito ao processo de urbanização. Nota-se, nessa direção, uma intensa recomposição social tendo em vista que as cidades passaram a ser ocupadas por um número cada vez mais considerável e significativo de habitantes. A geografia do país se reconfigurava, o que trouxe profundas mudanças. Para Simone Kropf, “altera-se de forma substancial a composição demográfica da cidade, tanto em termos do número de habitantes quanto de sua estrutura organizacional”⁴⁴. A urbanização brasileira incidiu com bastante intensidade no que se refere ao desenvolvimento das dinâmicas, dos processos e, até mesmo, dos interesses que anteriormente formulavam-se de forma diversa

⁴² AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil, *op. cit.*, p. 222.

⁴³ *Idem*, p. 221.

⁴⁴ KROPF, Simone. *O saber para prover, a fim de prover* – a engenharia de um Brasil moderno. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto (Orgs.). *A invenção do Brasil moderno*, *op. cit.*, p. 202.

àquela elaborada e divulgada, a partir de então. Na sociedade brasileira, à medida em que se experimentava essa reorganização, emergiam novas tensões em relação ao seu pretendido destino nacional e civilizado.

De forma mais específica, Cristiana Facchinetti e Pedro Muñoz apontam a entrada cada vez mais forte de orientações médico-higienistas como a solução para os problemas de saúde dos brasileiros. Ao lado das inúmeras reformas que se desenrolaram na FMRJ que, desde o século XIX, vinha alterando sua estrutura e funcionamento, esse ambiente “foi igualmente o momento de constituição de novas especialidades médicas e da ampliação de áreas temáticas de investigação disciplinar”⁴⁵. Como mencionado anteriormente, pode-se destacar ainda que a Psiquiatria se consolidava e se afirmava como especialidade médica independente. Neste sentido, suas concepções de clínica e terapêutica passaram a ser fortemente influenciadas pelas ideias germânicas, enquanto a abordagem francesa, característica do momento anterior, perdia fôlego. É importante mencionar que conformava-se um novo modelo de identidade profissional, caracterizado pela noção de especialização.

Alice Marques dos Santos foi, por excelência, filha desse momento. Marcado por múltiplas alterações, o Brasil reescrevia sua história a partir de novas orientações institucionais, políticas, culturais e sociais. A médica valeu-se de vários mecanismos resultantes dessas mudanças para concretizar seus objetivos profissionais. A palestra que ministrou na Faculdade de Medicina em 1936 demonstra-o com clareza. Nela, é mesmo possível inferir algumas das estratégias que incorporou no sentido de atravessar as brechas que organizavam o sistema social que vigorava no Brasil. Esses tempos abriram-se para novas possibilidades e, como tantas outras personagens, ela se apropriou de todas aquelas que pôde. A entrada de mulheres no ambiente científico é uma novidade extremamente relevante para a compreensão do século XX, afinal, trouxe importantes contribuições para as décadas seguintes. Tendo isso em vista, pode-se até problematizar o que levou a conferência da médica a ter sido um sucesso, com a presença de um elevado número de participantes. Porém, diante das discussões expostas até aqui, estranhar a presença de mulheres no meio científico já não é mais possível. Os tempos se alteravam e mulheres, como a Dra. Alice, passavam a ser cada vez mais frequentes em variados contextos antes inimagináveis.

A palestra “Do liquido cephalo raqueano” ministrada pela médica, sendo assim, pode ser interpretada como uma ferramenta que utilizou para sua construção profissional. Diante da comunidade científica que visava integrar, a Dra. Alice provavelmente estava consciente de que

⁴⁵ FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933, *op. cit.*, p. 244.

aquele espaço seria propício para apresentar os questionamentos, as atualizações e as novidades em relação ao trabalho investigativo que vinha desenvolvendo na área da Psiquiatria e da Neurologia sob a supervisão de seu já consagrado orientador. Nele, certamente sabia que poderia ser interrogada e confrontada em relação às suas escolhas e opções de pesquisa e trabalho. Sua exposição frente ao público especializado, em um evento com tantos personagens, entre médicos que já haviam obtido projeção em suas carreiras e outros que visavam alcançá-la, certamente visibilizou a produção que desenvolvia e promoveu-se como personagem daquele grupo. Posicionou-se, portanto, entre os nomes ilustres que integravam a comunidade e que, portanto, poderiam elogiá-la, ou rechaçar seu trabalho, ou, ainda, questionar o que uma mulher fazia ali. A esse respeito não saberemos, pois a análise da notícia não permitiu essas respostas. Contudo, ela aponta para as mudanças que concretizaram esse novo cenário do país.

Além disso, a notícia de 1936, ao definir a Dra. Alice como a “ilustrada assistente” do Dr. Antônio Austregésilo, revela outros aspectos importantes da história da médica e de seu tempo. Antônio Austregésilo Rodrigues de Lima, efetivamente, foi um dos médicos de grande relevo no contexto de consolidação da Psiquiatria e da Medicina Mental no Brasil. Ao lado de Juliano Moreira colaborou no processo de institucionalização dessa especialidade, consolidando-a como saber independente. Considerado o “Pai da Neurologia”, suas publicações “contribuíram significativamente para o desenvolvimento da neurologia brasileira, tornando-a reconhecida internacionalmente”⁴⁶. Não foi pequeno seu valor para o contexto médico psiquiátrico nacional, o que, a propósito, justificaria um estudo mais aprofundado sobre sua vida e carreira. O Dr. Austregésilo, frequentemente, é considerado como um dos mais importantes expoentes da medicina psiquiátrica nacional, tamanha foi sua importância.

No que diz respeito à atuação de Alice Marques dos Santos como sua assistente, cabe ressaltar que Antonio Austregésilo, já em 1936, era bastante respeitado entre seus pares, sendo referência nacional e internacional para os estudos relativos ao universo mental. Conseqüentemente, participar de seu círculo mais próximo conferia relevância àqueles e àquelas que o integravam, como, de fato, aconteceu com a Dra. Alice Marques dos Santos. Trabalhar ao lado de Antônio Austregésilo significou, para ela, a notoriedade que outros colegas, não integrantes desse grupo, não chegaram a alcançar. Sem julgar a competência individual da médica, os méritos sobre as atividades que realizou, a qualidade da produção que desenvolveu ou, até mesmo, os interesses por trás de sua aproximação, caso tenha havido algum em ambas as partes, o fato é que estar ao lado do Dr. Antônio Austregésilo permitiu à Dra. Alice

⁴⁶ TEIVE, Hélio *et al.* Professor Antonio Austregésilo: o pioneiro da neurologia e do estudo dos distúrbios do movimento no Brasil. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, v. 57, n. 3B, p. 898-902, 1999, p. 898.

ocupar espaços que, em outras circunstâncias, teriam sido muito mais difíceis. Certamente, tanto a participação em congressos científicos como sua atuação profissional mais próxima a Antônio Austregésilo e seu grupo podem ser entendidas como artifícios importantes mobilizados por Alice Marques dos Santos para sua consolidação profissional como psiquiatra.

Outros elementos foram apropriados nessa direção pela médica ao longo de seus primeiros anos de trabalho. Se recuarmos para 1934, um ano após receber o diploma que atestava sua competência para o exercício profissional, verifica-se que o periódico *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental* noticiava a ocorrência de “O IV Congresso Brasileiro de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal e as homenagens ao professor Austregésilo”. Realizado na, então, Capital Federal entre os dias 18 a 24 de julho de 1934, o Congresso que homenageou Antônio Austregésilo, “eminente mestre da neurologia brasileira”⁴⁷, por seu 25º aniversário de carreira, reuniu um conjunto de especialistas da área e de áreas afins que tinham algum interesse naquelas discussões. O periódico assinala que nele foram debatidas as principais atualizações e as descobertas mais recentes da época em relação aos estudos desenvolvidos no campo. Caracterizava-se, então, como uma reunião privilegiada em relação à participação de especialistas e à discussão de temas frequentados pela área.

Os *Archivos* registram os títulos dos trabalhos apresentados pelos médicos presentes no Congresso, entre os quais, o de Alice Marques dos Santos, intitulado “Prova d’água intrarachyiana”; entretanto, não se sabe muito mais sobre sua participação no decorrer do evento. No entanto, alguns elementos podem ser realçados. Aqui, é possível observar a preocupação da médica, desde cedo, ou seja, logo após ter obtido o diploma pela FMRJ, em se fazer presente nos encontros científicos promovidos pela comunidade psiquiátrica. Pouco mais de sete meses separam a obtenção do diploma, em dezembro de 1933, da efetiva participação em um dos principais encontros da área ocorrido em julho de 1934. A apresentação desse trabalho sugere que a recém-formada estava atenta à construção de seu percurso profissional e que, certamente, participar como palestrante em um evento cujo principal nome era o de seu orientador, favoreceria sua trajetória profissional.

Mais à frente, no capítulo que se segue, empreenderemos uma discussão mais aprofundada sobre alguns dos espaços frequentados e ocupados por Alice Marques dos Santos ao longo de sua carreira. Entre eles, a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal (SBNPML) terá centralidade, tendo em vista que a médica foi participante de fôlego no interior desse grupo. Ela foi presença constante e atuante tanto em seu periódico – os

⁴⁷ O IV Congresso Brasileiro de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal e as homenagens ao professor Austregésilo. *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, Ano 7, n. 3, p. 39-40, jul.-set. 1934.

Arquivos Brasileiros de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal –, quanto na própria organização institucional da Sociedade. Não se pode deixar de observar que esse espaço, sobretudo, pela interação com outros personagens que compuseram o grupo, também funcionou com um importante lugar social, no qual a Dra. Alice conseguiu se estabelecer profissionalmente. Atuar nessa distintiva rede, em razão do prestígio que ela conferia a seus membros no interior da comunidade científica da época, contribuiu para que a médica se destacasse como psiquiatra e projetasse seu nome diante de seus pares.

Entre os anos de 1936 e 1937, a médica foi eleita como “2º Secretário” da diretoria da SBNPML. Para o biênio, era a única mulher a compor os quadros de direção da organização. Compartilhou a gestão com Adauto Botelho (Presidente Geral), Zacheu Esmeraldo (Secretário Geral), Odilon Gallotti (Tesoureiro) e, na Seção Neurologia, onde efetivamente atuou nesse período, com os doutores Waldemiro Pires (Presidente), Costa Rodrigues (Vice-presidente), Borges da Costa (1º Secretário). Para o biênio seguinte, 1937-1938, foi eleita novamente; dessa vez, porém, outra integrante do gênero feminino dividia o espaço com ela. Eurydice Borges Fortes tornava-se “1º secretário” da Seção da Neurologia, enquanto Alice Marques dos Santos passava a atuar como “Bibliotecário”. Compuseram a gestão ainda Antônio Austregésilo (Presidente Geral), Heitor Péres (Secretário Geral), Januário Bittencourt (Tesoureiro); na seção de Psiquiatria, Henrique Roxo (Presidente) e Cincinato Magalhães Freitas (1º Secretário); na seção de Neurologia, Odilon Galotti (Presidente); e, finalmente, na seção de Medicina Legal, Heitor Carrilho (Presidente) e Bourguoy de Mendonça (1º Secretário).

Muitos aspectos a esse respeito devem ser levados em conta no que se refere à análise da vida da Dra. Alice. É necessário assinalar que muitos nomes com os quais a psiquiatra compartilhou reuniões, encontros, assembleias e plenárias, já nos anos 1930, afirmavam-se como referências centrais no cenário da Psiquiatria nacional. Além de seu mencionado orientador, Antônio Austregésilo, nomes como Henrique Roxo e Heitor Carrilho destacam-se na comunidade médica mais ampla. De acordo com Cátia Maria Mathias, “Roxo se articulou (...) consolidando sua carreira na sociedade carioca e tornando-se reconhecido por meio de sua produção acadêmica e participação em eventos científicos”⁴⁸. E, para Allister Andrew Teixeira Dias, “Heitor Carrilho atuou de maneira relevante nos quatro âmbitos de participação da

⁴⁸ MATHIAS, Cátia Maria. *O Pavilhão de Observação na psiquiatria do Distrito Federal: a gestão de Henrique Roxo (1921-1945)*. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017, p. 161.

psiquiatria no processo penal”⁴⁹. O fato de Alice Marques dos Santos ter estado ao lado de renomados profissionais como Roxo e Carrilho, de certo, contribuiu para que sua competência fosse reconhecida já no início de seu exercício profissional e que resultaria no prestígio posterior que alcançou.

É possível ainda discutir outros aspectos da atuação e do lugar ocupado pela médica na Sociedade, onde prosseguiu assumindo funções nos anos posteriores a 1938. O primeiro diz respeito à grafia dos cargos assumidos por ela: “Bibliotecário” e “Secretário”. Apesar de exercidos por uma mulher, eleita pelo conjunto dos integrantes da agremiação, a grafia dos vocábulos manteve a flexão no masculino. Este dado não é desprezível, uma vez que revela a permanência da cultura patriarcal que, ao longo dos séculos, constituía (e ainda constitui) um dos traços fundamentais da sociedade brasileira. Por que não distinguir, nos substantivos referentes aos cargos, a presença feminina? Do ponto de vista semântico, língua e linguagem são instrumentos de poder; seus usos, portanto, indicam e reforçam determinadas concepções acerca da vida social. A manutenção das palavras “Bibliotecário” e “Secretário” para a Dra. Alice denuncia a força do papel ainda e sempre reservado aos homens, mesmo que a sociedade, de uma maneira geral – e aquela Sociedade, em particular – se visse a si própria como “moderna” e “civilizada”.

Outro aspecto que pode ser destacado diz respeito especificamente ao número de mulheres que integravam os quadros da SBNPML. O exame das listas de presença das reuniões da Sociedade indica que, além de Alice Marques dos Santos e Eurydice Borges Fortes, apenas Nise da Silveira integrava o conjunto de participantes de gênero feminino, entre os quinze a vinte membros que frequentavam assiduamente os encontros ordinários e extraordinários. Ainda que nesse contexto social fosse possível identificar certos avanços, no que se refere à incorporação de mulheres em determinados espaços de atuação profissional, integrantes do gênero masculino protagonizavam a cena também em número. Pode-se afirmar, por conseguinte, que o campo científico, no Brasil dos anos 30, apesar de ter iniciado um processo de assimilação feminina cada vez maior, encontrava-se ainda muito marcado pela predominância e o domínio masculino. Essas são, portanto, marcas que compõem o quadro de contradições no qual a sociedade brasileira se organizou e estruturou.

A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal configurava-se como um dos principais núcleos de encontro dos especialistas nessas áreas. Ali se formulava

⁴⁹ DIAS, Allister Andrew Teixeira. *Arquivos de ciências, crimes e loucuras: Heitor Carrilho e o debate criminológico do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1940*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015, p. 406.

parte considerável das orientações que organizavam e guiavam as diretrizes seguidas por muitos psiquiatras brasileiros espalhados pelo país. A presença de Alice Marques dos Santos na SBNPML pode ser interpretada como mais uma estratégia da qual a médica se valeu para credenciar seu nome diante dos principais médicos que atuavam na cena da Medicina Mental, no Rio de Janeiro e no Brasil como um todo. Ao ocupar cargos de direção, já no início da carreira, a Dra. Alice apresentou-se à comunidade científica como uma profissional promissora, o que teve a oportunidade provar, ao longo do tempo, ao afirmar sua posição e lançar seu nome como alternativa e possibilidade para os novos projetos de redefinição das expectativas em relação às mulheres que a sociedade brasileira, sobretudo em seus centros urbanos, experimentou ao longo das primeiras décadas do século XX.

Alguns anos mais tarde, precisamente, em 1941, de acordo com o *Correio da Manhã* de 28 de junho, a médica estava habilitada, após sua aprovação na prova escrita, para ocupar o cargo de “Médico-Psiquiatra” do Hospital Nacional de Alienados (HNA), o principal hospital psiquiátrico Brasil e da América Latina nessa época. O HNA, além de funcionar como asilo, distinguia-se como importante centro de produção de conhecimento sobre transtornos mentais e funcionava ainda como polo irradiador dessas temáticas⁵⁰. Aprovada no concurso em nono lugar, foi nomeada, em 1942, para o cargo de “Médico Psiquiatra”, classe H. Mais uma vez, observa-se que o substantivo que designa o cargo permanece flexionado no masculino. Entretanto, além disso, a chegada da Dra. Alice a esse posto sinaliza algumas particularidades de sua trajetória.

Conforme mencionado, o HNA era a principal referência do país e da América Latina no que diz respeito à clínica e ao tratamento de alienados. Ou seja, diversas instituições e inúmeros profissionais orientavam suas práticas em conformidade aos procedimentos adotados pelos médicos e estudantes associados ao velho hospício. Chegar até ali, deste modo, representava a consolidação de uma formação profissional qualificada, tendo em vista que o concurso realizado pela médica foi disputado por centenas de outros competidores advindos de faculdades e cursos de medicina espalhados pelo Brasil. Para a Dra. Alice Marques dos Santos ocupar o posto de médica psiquiatra do HNA, além da estabilidade econômica que o cargo público lhe oferecia, significava alcançar o prestígio proporcionado por essa posição. Seu ingresso no HNA, portanto, assinala a consolidação da trajetória que, desde o término de sua graduação na FMRJ, vinha almejando e, por meio de seu esforço e das possibilidades abertas por seu tempo, construindo.

⁵⁰ FACCHINETTI, Cristiana *et al.* No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.17, supl.2, dez. 2010, p.733-768.

Dessa forma, pode-se ressaltar que a construção dos primeiros anos de carreira da Dra. Alice fornecem dados importantes sobre a conjuntura na qual ela desempenhou suas atividades profissionais. Em primeiro lugar, convém reforçar o argumento já exposto de que, nas primeiras décadas do século XX, observa-se o ingresso e a inclusão de mulheres de um determinado segmento social em espaços científicos de pesquisa e de ensino. Como tentamos demonstrar neste capítulo, nota-se, de modo amplo, um progressivo aumento na participação feminina nas universidades, nos centros de pesquisa, nos museus etc. É possível, portanto, afirmar que fazia parte do projeto de modernidade, reivindicado pelas elites econômicas, políticas e intelectuais, a inserção de determinados segmentos femininos nos espaços científicos e culturais.

Neste sentido, a trajetória de Alice Marques dos Santos não está deslocada do que vinha em curso durante aquelas décadas. A excepcionalidade da médica não reside no fato de ela ser mulher e ocupar um posto que, em momentos anteriores, teria sido possivelmente ocupado por algum homem. Talvez sua excepcionalidade tenha residido nos trabalhos científicos que elaborou e que apresentou à comunidade na qual desejava ser incluída, ou na competência que demonstrou nas diversas funções que assumiu. Esses temas, entretanto, constituem o objeto da análise desenvolvida no próximo capítulo. Aqui, interessa destacar que, como outras mulheres de seu tempo, a Dra. Alice mobilizou um conjunto de estratégias e mecanismos que impulsionaram sua carreira e proporcionaram seu desenvolvimento profissional. Ter sido assistente do Dr. Antônio Austregésilo, participar de congressos e reuniões científicas, atuar na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal foram, portanto, algumas dessas estratégias e/ou oportunidades que constituíram o capital simbólico que ela mobilizou com êxito.

Finalmente, cabe concluir este capítulo com a constatação de que durante seus primeiros anos de trabalho, Alice Marques dos Santos empenhou-se na elaboração gradual e cuidadosa da imagem profissional que cultivou ao longo de sua trajetória e que a legitimaria, não somente entre seus pares, mas, ampliando-se a perspectiva, na própria comunidade científica brasileira.

Capítulo II – “O psiquiatra é também um missionário, um curador de almas”: a Dra. Alice, seus espaços profissionais e sua produção acadêmico-científica

Alice Marques dos Santos circulou por diferentes espaços que, ao longo de seu percurso, foram fundamentais para o desenvolvimento profissional de sua carreira e estabelecimento das relações que criou ao lado daquelas/es que a acompanharam naqueles tempos. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal e o Hospital Nacional de Alienados foram alguns desses lugares profissionais por onde a médica articulou seus primeiros passos como médica psiquiatra. Configuraram-se como o seu cenário, sua arena principal de atuação, em que estabeleceu-se durante os primeiros anos de trabalho. Em seu interior, protagonizou disputas, defendeu ideias, refutou propostas, reivindicou lugares. De certo, consolidou-se como figura profissional frente à sua comunidade que a todo momento redesenhava suas dinâmicas de funcionamento e organização, por ser objeto de tensões. Discutir significados e sentidos para esses espaços é fundamental para o melhor entendimento da constituição de sua carreira. A proposta desse capítulo é discutir como, precisamente, as três instituições auxiliaram no processo formativo da personagem, considerando-se a relevância que tiveram no que diz respeito à produção acadêmica e intelectual que a Dra. Alice desenvolveu.

À FMRJ pode-se atribuir a qualidade de iniciar a trajetória científica de Alice Marques dos Santos quando de seu ingresso no curso de Medicina, no ano de 1928. Localizada no Rio de Janeiro, que por muito tempo foi o centro administrativo do Brasil, a FMRJ alcançou notoriedade e relevância significativa para incontáveis processos que atravessaram o país e, em grande medida, foi responsável ao lado da Faculdade de Medicina da Bahia por orientar as dinâmicas e diretrizes de funcionamento de outros cursos médicos que surgiram. Sua origem remete especificamente ao ano de 1808. Naquele ano, com a transferência da corte portuguesa para o Brasil, inaugurou-se a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, embrião de uma das instituições mais importantes no que se refere aos debates e às formulações sobre doença, saúde, prevenção, cuidado e tratamento no país.

Ao longo do século XIX e dos primeiros anos do XX, a sociedade brasileira passou por mudanças significativas no que se refere à sua organização político-social. Entre uma das mais profundas, seu regime político que, até 1889, era monárquico tornou-se republicano. Certamente, essa foi umas das alterações fundamentais para os direcionamentos do país, pois, trouxe novas demandas e orientações para diversos segmentos sociais. A FMRJ acompanhou boa parte dessas movimentações. O ano de 1832, nesse contexto de transformações, adquire centralidade. Foi o momento em que se criaram as primeiras Faculdades de Medicina no Brasil, entre elas a do Rio de Janeiro, onde 96 anos depois Alice iniciou seu ciclo de formação. Desde

então, a Faculdade passou por mudanças como, por exemplo, a reforma que naquele mesmo ano estabeleceu que ali se ministraria, além do curso de Medicina, os de Farmácia e de Obstetrícia também. Entretanto, desde o Império até o início da República, conforme assinala Sylvania da Silveira Mello Vargas, a FMRJ "mantinha o *status quo* com o monopólio do saber médico-científico"⁵¹.

Conforme apontamos no capítulo anterior, o período entre 1920 e 1930 foi extremamente efervescente do ponto de vista das múltiplas dimensões que compõem a vida social. Por exemplo, novos atores, como as mulheres, passaram a integrar o cotidiano dos centros urbanos e, com isso, novas demandas tornaram-se exigências prioritárias. “Em 7 de setembro de 1920, pelo decreto 14.343, foi criada a primeira universidade brasileira – a Universidade do Rio de Janeiro”⁵² que unificou a Escola Politécnica, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Especificamente no que concerne à organização da FMRJ, foi neste período que se construiu e se inaugurou seu prédio-sede, localizado na Praia Vermelha. Pode-se afirmar que a inauguração da edificação melhorou muito as condições de funcionamento da Faculdade; ao lado dela a criação do Instituto de Ciências Experimentais e do Instituto de Rádio e Roentgenterapia⁵³, em certo sentido, mudaram para melhor as condições de seus alunos. Ou melhor, de alunas e de alunos, tendo em vista que aqui começava-se a notar um progressivo aumento no número de mulheres nos cursos científicos.

Foi nessa época que a trajetória particular de Alice Marques dos Santos cruzou-se com a história da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em março de 1928, o *Jornal do Commercio*⁵⁴ anunciava que ela prestaria exames para ingressar no curso de Medicina da referida faculdade. Possivelmente, nos anos anteriores, Alice já vinha se preparando para este momento, dado o perfil dos participantes com quem viria a concorrer nas provas de ciências naturais, anatomia, física, química etc. Em fins dos anos 1920, o desenho do corpo estudantil da FMRJ ainda era bastante elitizado, característica histórica da instituição desde sua fundação⁵⁵. Em sua maior parte, o acesso restringia-se àquelas e àqueles que tinham melhores condições de formação durante o ensino básico, frequentemente associados a grupos sociais

⁵¹ VARGAS, Sylvania da Silveira Mello *et al.* A Faculdade de Medicina e a construção do Brasil moderno (1808-2008). In: GOMES, Marleide de Mota; VARGAS, Sylvania da Silveira Mello; FRANCO, Talita Romero (Orgs.). *1808-2008 Faculdade de Medicina da UFRJ: transformações social, política, tecnológicas e evolução*. São Paulo: Editora Atheneu, 2008, p. 16.

⁵² Vargas, Sylvania da Silveira Mello *et al.* A Faculdade de Medicina e a construção do Brasil moderno (1808-2008), *op. cit.*, p. 26.

⁵³ Tratamento a partir de raio-x.

⁵⁴ *Jornal do Commercio*, “Exames”, 29 de março de 1928, p. 9.

⁵⁵ EDLER, Flávio. *Ensino e profissão médica na corte de Pedro II*. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2014.

mais abastados. Paralelamente, em 1926, Juvenil da Rocha Vaz o então diretor da Faculdade conduziu uma reforma que aprofundou essa restrição. De acordo com Vargas⁵⁶, “a Reforma Rocha Vaz preconizava vestibulares mais seletivos com prévio estabelecimento de número de vagas a cada ano”.

Sendo assim, mesmo que ainda não seja possível definir precisamente o lugar socioeconômico de onde partiu Alice Marques dos Santos, em virtude da carência de documentação histórica que comprove qualquer ilação, é possível sustentar que a médica veio de um ambiente que lhe propiciou as condições necessárias para competir ao lado de pessoas que tiveram sua preparação escolar voltada para os exames da FMRJ. Diante das possibilidades que seu tempo ofereceu, suas escolhas a levaram até ali e, desde então, iniciou seu processo de constituição profissional. Na FMRJ, circulou entre personagens consolidados no cenário médico-acadêmico e aqueles que, como ela, viriam a compor a nova geração de profissionais das mais variadas áreas e especialidades. Assim, pode-se afirmar a importância que esse espaço teve na condução da trajetória científica e profissional da futura médica.

Outro espaço fundamental para o entendimento da atuação e circulação da doutora, refere-se à SBNPML, sociedade científica que por votação unânime passou a integrar, na qualidade de efetiva, desde a sessão ordinária do dia 2 de julho de 1934⁵⁷. Conforme discutido anteriormente, aquele espaço foi fundamental para o processo de autonomização das especialidades médicas que tratavam de transtornos mentais. É possível afirmar, portanto, que no recorte temporal estabelecido por Ede Cerqueira, 1907 a 1933, nota-se um progressivo processo de especialização da psiquiatria, da neurologia e da medicina legal. Ao se interessar pela vida cotidiana da instituição e pelas interações desenvolvidas por seus personagens, a historiadora destaca como esses processos foram fortemente influenciados “pelos avanços tecnológicos, pela divisão social do trabalho e pela crença na necessidade de ‘modernizar’ o país e ‘civilizar’ sua população”⁵⁸ próprios desse contexto específico.

Diante disso, surgia um novo modelo profissional. Caracterizados por um perfil cada vez mais interessado por conhecimentos específicos, constituíam-se os médicos especialistas, ou seja, aqueles profissionais que, ao longo de seu processo formativo, dedicavam-se a determinado campo da medicina – diferentemente da conjuntura anterior, caracterizada pelo

⁵⁶ Vargas, Sylvia da Silveira Mello *et al.* A Faculdade de Medicina e a construção do Brasil moderno (1808-2008), *op. cit.*, p. 28.

⁵⁷ Sessão ordinária de neurologia. Realizada em 2 de julho de 1934. *Arquivos Brasileiros de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal*, ano XVIII, n. 2, 1935, p. 101.

⁵⁸ CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. 2014. 234 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2014, p. 38.

médico que tratava de todos os tipos de doenças, em indivíduos de qualquer faixa etária, o generalista. Outro aspecto importante para a análise desse contexto diz respeito à formação das diversas associações profissionais voltadas para a organização dos médicos, mas também de outros grupos de estudiosos, a partir de seus interesses de trabalho e investigação. Elas, além de funcionarem como espaços privilegiados para a legitimação desses personagens diante de seus pares e da comunidade leiga, “cumpriram um papel relevante no processo de institucionalização de novas áreas específicas da medicina, dentre elas a psiquiatria”⁵⁹. A SBNPML foi, indiscutivelmente, filha privilegiada desses tempos.

É necessário levar em consideração ainda o grande interesse que a Sociedade tinha em orientar e organizar novos quadros que dariam continuidade ao grupo. De acordo com Cerqueira, entre seus fundadores, coexistiam personagens de diferentes gerações. Além dos médicos mais velhos, já profissionalmente consolidados e com grande reconhecimento entre seus pares, e que haviam atuado no processo de consolidação e legitimação da SBNPML, encontravam-se os mais novos, porém, já estabelecidos em suas carreiras e os médicos recém-formados. Esses dois últimos, segundo a historiadora, foram efetivamente os responsáveis pelo exercício das atividades quotidianas da comunidade. Muitos deles, inclusive, acompanhavam as sessões e reuniões de deliberação e decisão da Sociedade que eram frequentadas majoritariamente pelos médicos sedimentados e melhores posicionados em suas carreiras, gozando de elevado prestígio profissional. Pode-se assinalar que esses médicos-discípulos, como classifica Cerqueira, eram preparados para seguirem a lógica de reflexão e posicionamento que seus mentores assumiam, orientados por seus interesses políticos, sociais e científicos, frente ao grupo mais amplo.

Entre os personagens que tiveram maior destaque durante os primeiros anos de funcionamento da SBNMPL, no que se refere à centralização de propostas e projetos, pode-se indicar Antônio Austregésilo. O médico pernambucano

foi o responsável pela apresentação de muitas propostas e projetos debatidos na entidade, como, por exemplo, a classificação de 1910, por representar alguns projetos da Sociedade no Poder Legislativo e também por mudanças estruturais na direção da SBNPML, como a criação de reuniões independentes para cada especialidade.⁶⁰

Sendo assim, Alice Marques dos Santos, definida como “a ilustre assistente de Austregésilo”, ao se filiar ao grupo, passou a compor uma órbita privilegiada do ponto de vista

⁵⁹ CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, *op. cit.*, p. 38.

⁶⁰ *Idem*, p. 172.

profissional e pessoal. É mesmo isso que a documentação demonstra. Afinal, a jovem médica já durante seus primeiros passos na carreira ocupou espaços de direção nesse grupo, conforme procuramos demonstrar no capítulo anterior. Levando em conta a expressividade que a SBNPML alcançou ao longo de sua existência, inclusive no que se refere às definições sobre a medicina mental, a instituição obteve uma relevância singular no cenário de desenvolvimento mais amplo da medicina. Seus agentes, de forma geral, desfrutavam de algum prestígio ao estarem incluídos naquele grupo definindo e organizando carreiras – como foi o caso da médica em análise aqui.

Um terceiro espaço forma o conjunto de instituições que tiveram centralidade para a consolidação de Alice Marques dos Santos durante seus primeiros anos de carreira. Trata-se do Hospital Nacional de Alienados (HNA). O antigo asilo, criado por decreto-lei em 1841, um ano após a Proclamação da República, precisamente em 1890, passou a ser gerido pela Assistência aos Alienados – segmento político-administrativo do então Distrito Federal, responsável pela organização do cotidiano institucional sobre o mental e o psíquico. À Assistência, ao longo do período republicano, somaram-se outras instituições públicas, como o Pavilhão de Observação e a Colônia de Alienados de Engenho de Dentro, e particulares, a exemplo das Casas de Saúde Dr. Eiras, Dr. Leal e de S. Sebastião, constituindo-se, então, como um elaborado complexo responsável pelas questões médicas relativas à saúde mental.

O HNA, segundo Facchinetti, Ribeiro e Muñoz⁶¹, haja vista sua importância, foi essencial para a construção de um determinado imaginário sobre a loucura. Diversos estudos, ao longo dos últimos anos, têm desenvolvido análises importantes sobre as dinâmicas, os processos, as práticas e os atores que atuaram na instituição – como é o caso do trabalho de Magali Engel, *Os delírios da razão*. Essas pesquisas têm aprimorado, por exemplo, reflexões sobre a psiquiatria desenvolvida no Brasil bem como sobre suas áreas correlatas (a neurologia, a medicina legal etc.), propondo novos objetos, temas e abordagens acerca desse universo. Nesses estudos, percebe-se que o hospício foi integrado às dinâmicas mais amplas que conduziam a sociedade brasileira, vinculando-as aos diferentes contextos que compõem o tempo analisado. Neste sentido, a inserção da Dra. Alice dos Santos nessa instituição projetava-se como elemento fundamental para um entendimento mais complexo das redes que se formaram, organizaram e interagiram institucional e extra institucionalmente, pessoal e coletivamente, local e globalmente.

⁶¹ FACCHINETTI, Cristiana; RIBEIRO, Andréa; MUÑOZ, Pedro. As insanas do Hospício Nacional de Alienados (1900-1939). *História, ciências, saúde - Manguinhos*, v. 15, p. 231–242, 2008.

Nesse cenário, a partir de 1942 quando aprovada e convocada para o exercício do cargo de “Médico Psiquiatra”, a presença de Alice Marques dos Santos na instituição engendrou um conjunto de novas possibilidades para sua vida pessoal e para o próprio cotidiano institucional. Integrada ao HNA, a médica passou a interagir com muitos outros personagens (entre médicos, assistentes, enfermeiros, pacientes, familiares de internos etc.) ampliando e complexificando suas redes de circulação ao desenvolver e estimular novas sociabilidades. De fato, os processos vinculados a isso trouxeram novidades para sua carreira e foram fundamentais para a elaboração de sua figura profissional. A partir de então, os encontros que se sucederam estruturam sua comunidade científica particular, ou seja, sua rede mais próxima e a comunidade científica mais ampla na qual se situa, em posição de destaque.

Frente ao exposto, defendemos que, durante os primeiros anos de trabalho de Alice Marques dos Santos, a FMRJ – espaço formativo em que se desenvolveram os contatos iniciais entre a médica e os profissionais de Medicina –; a SBNPML – primeiro espaço institucional de projeção nacional, onde Alice pôde estimular suas relações com personagens fundamentais para as definições relativas à psiquiatria, neurologia e medicina legal no Brasil –; e o HNA – espaço em que se firmou como funcionária pública, atuando como especialista da área que escolheu trabalhar –, desempenharam papel essencial para a construção de sua identidade profissional. Certamente, por meio das relações que travou por onde passou, esses lugares fizeram com que ela se integrasse à rede mais ampla de médicos especialistas, fortalecendo sua imagem entre seus pares.

No interior do recorte que estabelecemos neste trabalho, é possível afirmar que as três instituições foram fundamentais para o processo de consolidação da figura da médica a partir das redes que elaborou. Funcionaram, portanto, como espaços de sociabilidade e de trocas de ideias e projetos entre incontáveis atores. FMRJ, SBNPML e HNA, para além de seus próprios estatutos de definição e dos elos institucionais que mantinham entre si, interligavam-se e se aproximavam diretamente por meio de personagens, tal como a Dra. Alice, que circulavam entre elas.

Do ponto de vista semântico, missionário significa o indivíduo que recebeu a incumbência de realizar determinada tarefa promovendo sua concretização. Geralmente, os missionários precisam movimentar-se por diferentes lugares. Psiquiatra ou, conforme costumava se referir a si mesma, “curadora de almas” que peregrinava por, pelo menos, três espaços de considerável relevância para o cenário médico-psiquiátrico do contexto em tela, Alice se construiu como uma verdadeira missionária de sua profissão.

Ainda refletindo sobre a importância da circulação (de pessoas, de ideias, de interesses) em diferentes espaços como elemento fundamental para a constituição das sociedades científicas, é importante pensar sobre os mecanismos que podem ser acionados para atender a esse fim. Conforme destacamos anteriormente, a partir da reconstrução da trajetória de Alice Marques dos Santos, é possível verificar a íntima relação que a FMRJ, a SBPNML e a o HNA mantiveram conjuntamente – seus personagens, não raramente, transitavam por todos esses espaços, como foi o caso da própria Alice. Aqui, pretendemos examinar como o periódico *Arquivos Brasileiros de Neurolatria e Psiquiatria* funcionou como ferramenta relevante para o desenvolvimento das redes que se constituíram em torno de nossa personagem por meio das suas diversas interações.

A historiadora Tania Regina de Luca desenvolve uma análise instigante em relação ao uso de jornais, revistas e periódicos em geral como fonte para a História. A investigação que se ocupa em examinar um ou mais periódicos deve relacioná-los aos indivíduos que, carregados de seus valores e interesses, produziram aquele material específico. Seguindo essas orientações, a publicação de um periódico direciona-se a um determinado fim, ou seja, ter clareza disso diz respeito ao processo de interpretação histórica. No caso de periódicos especializados, é bastante clara essa finalidade, afinal por meio deles “é possível distinguir a intenção de atingir públicos diversificados”⁶².

Entre outros aspectos, Luca alerta que ao investigar um periódico, a ambientação em que ele se encontra deve ser considerada como elemento central para seu entendimento espaço-temporal, ou seja, sua historicidade. Desta forma, “esclarecer suas condições de produção, mapear o seu processo de difusão e inquirir acerca da [sua] natureza”⁶³ são procedimentos indispensáveis para identificar as camadas que compõem aquela produção. Não raro, esse tipo de documentação funciona como importante instrumento para a transmissão e difusão das ideias defendidas e reivindicadas por determinados grupos, pertencentes a segmentos sociais com interesses próprios que dialogam com diferentes conjunturas. É necessário, neste sentido, avaliar quais os múltiplos “sentidos assumidos pelos periódicos no momento de sua circulação”⁶⁴.

⁶² LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *Fontes históricas*. PINSKY, Carla Bessanezi. São Paulo: Contexto, 2005, p. 122.

⁶³ *Idem*.

⁶⁴ *Idem*, p. 132.

O conteúdo dos periódicos revela muitos traços sobre seus idealizadores, bem como quais são as suas finalidades e como elas estão articuladas às suas condições de produção. Conforme afirma Tania de Luca, “a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público”⁶⁵. Assim, temáticas, abordagens, formatos, linguagens, natureza dos conteúdos, são dados significativos que guardam informações relevantes sobre os processos dos quais esses periódicos resultaram. Essa produção não é isolada ou deslocada de um conjunto de fatores: trata-se de “empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita”⁶⁶. Ao redor disso, organizam-se as intenções e as expectativas diante daquilo que se apresenta como objeto de atenção. E, assim, é possível entender sua inserção.

*Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria*⁶⁷ foi um periódico médico-psiquiátrico criado no ano de 1905 por iniciativa dos médicos Juliano Moreira e Afrânio Peixoto. Especificamente, foi “a primeira revista do país especializada no campo da medicina mental”⁶⁸. Ela propunha, em linhas gerais, difundir as discussões relativas à assistência aos alienados no Brasil e no mundo. Para Facchinetti, Cupello e Evangelista, “os *Arquivos Brasileiros* constituíram uma arena para o confronto entre diferentes escolas (...), contribuindo esses embates para divulgar conceitos e estratégias diagnósticas”⁶⁹. É desta perspectiva que analisamos os trabalhos publicados pela médica Alice Marques dos Santos nesse periódico e, da mesma forma, em outros que apresentavam objetivos próximos, em relação às suas propostas e finalidades.

A publicação estava diretamente relacionada à SBNPML; neste sentido, conforme apontam as historiadoras, o material subdividia-se de acordo com as diferentes especializações que organizavam aquele grupo. Sendo assim, estamos de acordo com Ede Conceição Bispo Cerqueira quando enfatiza que esse material pode ser mesmo definido como uma “fonte com muita história”. Afinal, a partir dessa documentação é possível observar um conjunto de características que atravessaram as dinâmicas da Sociedade, em específico, e da psiquiatria

⁶⁵ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos, *op. cit.*, p. 139.

⁶⁶ *Idem.*, p. 140.

⁶⁷ Nomenclatura adotada a partir de 1919 para os *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*.

⁶⁸ FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, ciências, saúde - Manguinhos*, v. 17, supl. 2, 2010, p. 528.

⁶⁹ *Idem.*

nacional, de forma geral. Para Cerqueira⁷⁰, os *Arquivos* são tanto uma revista médica especializada em psiquiatria e suas áreas de contato, quanto um espaço propício para a discussão de temas que orbitam essas ciências. Deste modo, “circulou pelas mais importantes instituições da antiga capital”⁷¹ e atuou como veículo indispensável para a transmissão das ideias e dos projetos definidos pelos membros da Sociedade da qual a Dra. Alice foi participante.

No capítulo anterior, discutimos as formas com as quais a médica colaborou em periódicos especializados, transformando-as em estratégia para sua construção profissional. Aqui, trataremos de alguns diálogos que ela realizou, mobilizando um artigo inédito publicado nos *Arquivos Brasileiros*, em 1935. A partir da análise desse texto específico, pretendemos verificar indícios dos interesses temáticos que ocuparam suas primeiras investigações e avaliar o ambiente social em que estiveram mergulhados. Mais adiante, após o mapeamento de seus trabalhos nesse periódico e em outros, pretende-se confrontá-los e articulá-los, com o objetivo de identificar os fundamentos teóricos de sua produção acadêmica-científica.

Na seção de artigos originais, no número 4 dos *Arquivos Brasileiros* do ano de 1935, a doutora Alice dos Santos publicou um de seus primeiros textos⁷² profissionais, escrito somente por ela. Analisando as relações entre a *Meningite difusa e [a] síndrome humoral de tumor*, apresentou à comunidade psiquiátrica nacional – para além do grupo que integrava como participante da SBNPML –, tendo em vista a abrangência do periódico⁷³, suas considerações sobre essas psicopatologias. Em um artigo relativamente curto, com pouco mais de seis páginas, discutiu elementos “com comprovações anatômicas”⁷⁴ sobre a presença da síndrome humoral de tumor diante da meningite difusa – seu objeto de interesse. De fato, as questões relativas às

⁷⁰ CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. 2014. 234 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

⁷¹ FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, *op. cit.*, p. 530.

⁷² SANTOS, Alice Marques dos. *Meningite difusa e síndrome humoral de tumor*. *Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria*, ano XVIII, n. 4, p. 218-224, 1935.

⁷³ FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins*, *op. cit.*

⁷⁴ SANTOS, Alice Marques dos. *Meningite difusa e síndrome humoral de tumor* *op. cit.*, p. 218.

meninges interessavam bastante à psiquiatra, tanto é que no ano seguinte publicou no mesmo periódico novo artigo sobre a temática⁷⁵.

No número analisado constam outros trabalhos originais. Nota-se, entre os autores, o nome dos doutores Antônio Austregésilo – seu orientador –, A. Borges Fortes, Luiz Saboia Ribeiro e Peregrino Junior. Na publicação de número dois do ano posterior, na mesma seção onde Alice apresentou artigo sobre o tema, constam os nomes dos médicos I. Costa Rodrigues, Odilon Galotti e A. Borges Fortes novamente. É possível perceber, deste modo, que a médica era a única mulher com publicação original entre esses médicos nas revistas examinadas da SBNPML, o que revela dados relevantes sobre o grupo naquele período. Não obstante o reduzido número de integrantes do sexo feminino, o fato de publicar no periódico da Sociedade merece relevo, porque revela mais profundamente o meio social em que a psiquiatra estabeleceu suas relações. A presença do trabalho de Alice na seção de artigos originais, o coração da revista, indica os personagens com quem costumava disputar participação e destaque. Certamente, não foram poucos os desafios que se apresentaram a ela para estabelecer sua presença naquela rede de sociabilidade intelectual, predominantemente ocupada por homens.

Outro aspecto que chama atenção nesse material diz respeito à menção já na testa da página, antes mesmo do título do trabalho de Alice, à Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e à sua direção, à época, ocupada pelo professor Antônio Austregésilo. Essas indicações reforçam aspectos que temos defendido aqui. O primeiro e, possivelmente, um dos mais importantes comprova a relação de grande proximidade que a SBNPML nutriu com a FMRJ. O segundo, e não menos importante, destaca a presença sempre frequente de Austregésilo na/para a carreira de Alice. Acreditamos que a cena profissional na qual a médica atuou se conectou em diversos aspectos, como se observa na relação entre a Sociedade e a Faculdade de Medicina. Interligadas, configuraram uma rede propícia no interior da qual Alice foi capaz de circular e estabelecer diálogos fundamentais para sua consolidação. É certo que trabalhar ao lado de Antônio Austregésilo como assistente colocou-a em uma posição privilegiada, de forma que sua circulação tornou-se mais fácil. A neurologia, portanto, desenhava-se como a especialidade central para seu desenvolvimento.

No que diz respeito, precisamente, ao tema e à descrição nosográfica realizada por Alice Marques dos Santos sobre a articulação entre a meningite difusa e a síndrome humoral de tumor naquele trabalho, é necessário indicar o caminho que possibilitou à médica chegar às suas conclusões. Em primeiro lugar, aponta o vigor que o campo de estudos sobre a síndrome

⁷⁵ SANTOS, Alice Marques dos. A barreira encéfalo-meningo-vascular. *Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, ano XIX, n. 2, p. 52-62, 1936.

humoral alcançara naqueles últimos tempos. De acordo com ela, o interesse era tão profundo que o próprio diagnóstico da patologia, por meio do exame citológico do liquor e da coloração vital, teria sido foco de observação das pesquisas recentes daqueles médicos. Pode-se perceber, assim, que as problemáticas em torno dessa doença frequentavam as agendas dos psiquiatras, uma vez que “têm despertado a atenção dos autores”⁷⁶ e Alice estava alerta para isso. Os resultados satisfatórios provocavam sua curiosidade e despertavam sua atenção, em busca de respostas às questões presentes.

Em seguida, nesse mesmo artigo, a médica se ocupa em apresentar um conjunto de resultados sobre a temática que explorou. Em relação aos tumores intracranianos, seu exame destaca: a hipercitose, ou seja, elevação da presença de células no líquido tumoral com a possibilidade de blastos; a hiperalbuminose, isto é, o excesso de albumina – principal proteína componente do plasma sanguíneo que, sintetizada no fígado, é responsável pelo controle da pressão osmótica, do metabolismo, auxilia no desenvolvimento de massa muscular; a presença de reações nas globulinas, os elementos relacionados à produção de anticorpos; as diferentes flutuações nos elementos que compõem o tumor. Essas foram as principais constatações efetuadas pela médica a partir de exames clínicos dos tumores.

Ao indicar as referências mobilizadas para a elaboração desse trabalho, a Dra. Alice indica os médicos e as ideias que auxiliaram-na. Sua bibliografia não é curta; entre os vários autores que menciona, há médicos como Guillain, Antônio Austregésilo, Willy Schmitt, Froin R. Debré, J. Paraf, Heultlasse, O. Garré, A. Borges Fortes, I. Costa Rodrigues, L. Robalinho Cavalcanti, Rocha Lagôa. As várias questões formuladas por esses especialistas trataram, por exemplo, da atuação das proteínas de desintegração no tecido nervosa; da relação entre a meningite e síndrome de Froin; da coagulação dos líquidos tumorais e de outros temas próprios do campo neurológico. É um corpo vasto de especialistas, da mesma forma que seu conjunto temático. Observe-se, portanto, a bagagem adquirida pela Dra. Alice para a composição de seu pensamento clínico, de forma que a organização de seu artigo denota a clareza que alcançou ao apresentar suas ideias.

Esses diálogos destacam também outros aspectos. O primeiro deles é o contato que Alice manteve com a produção intelectual de outros países, como a Argentina (o trabalho de Heultlasse e Garré, por exemplo) e a França (menciona-se o trabalho de Debré e Paraf), mostrando que as fronteiras da produção que desenvolveu foram bastante fluidas. Em seguida, destaque-se a exclusividade de referências masculinas, revelando a predominância de médicos

⁷⁶ SANTOS, Alice Marques dos. Meningite difusa e síndrome humoral de tumor *op. cit.*, p. 218.

na produção psiquiátrica da época. Ou seja, ainda que a década de 1930 tenha aberto possibilidades para a atuação de mulheres em carreiras científicas, sua produção ainda não tinha capilaridade diante da comunidade mais ampla. Outro aspecto desses diálogos é a menção ao Dr. Austregésilo, uma das primeiras; com isso, supõe-se a centralidade que ele teve para a produção acadêmico-científica da médica. Como orientador e personagem fundamental para sua constituição profissional, destacá-lo em seu trabalho é muito significativo, uma vez que revela o papel que o Dr. Austregésilo ocupou em sua na carreira. Finalmente, a valorização da produção brasileira no campo da medicina mental. Alice indica um conjunto de trabalhos elaborados “entre nós”⁷⁷ (de Borges Fortes, Costa Rodrigues, Robalinho Cavalcante, o próprio Austregésilo) e isso atesta o vigor das pesquisas desenvolvidas por aqui e, principalmente, daquelas vinculadas à FMRJ, à SBNPML e ao HNA, reconhecidas no contexto da produção acadêmica dos profissionais em Medicina.

No artigo, fica evidente a importância que nossa personagem atribui aos diagnósticos da meningite e da síndrome humoral. Em determinado trecho, menciona exames mais específicos que poderiam auxiliar na busca por respostas mais rápidas para esse problema: é caso do cromodiagnóstico. A médica assinala que os resultados dos líquidos nesse exame quando indicam xantocromia (cor amarela) e/ou síndrome de Froin (sua coagulação maciça ou parcial) devem funcionar como indicadores importantes para a busca de um diagnóstico mais preciso, que objetive a solução da questão. O fato é que, ao se interessar pelos exames diagnósticos, inclusive na execução dos mais específicos, destaca seu apreço pelas relações estabelecidas entre a fisiologia e a medicina mental, durante a década de 1930. Assim, é possível refletir sobre os limites que balizaram os diferentes campos médicos naquela época. Não obstante a progressiva busca por autonomia que cada campo médico reivindicava para si, a articulação intensa entre eles ainda era um traço notável em suas práticas e em suas pesquisas.

Em seguida, a Dra. Alice mobiliza um caso clínico para o desenvolvimento de sua explanação. Precisamente, incorpora aos seus argumentos uma observação realizada pelo Dr. L. Robalinho Cavalcanti. Sobre o paciente, então com 18 anos, “o início da sua doença datava de 7 meses (maio de 1934), quando entrou para o serviço do Prof. Austregésilo da Clínica Neurológica”⁷⁸. Apresenta-se a descrição de “seus antecedentes mórbidos hereditários”⁷⁹, de forma que apenas as condições pregressas da mãe do paciente são assinaladas (dois abortos, um parto de gêmeos). Ali, nota-se também a presença do relato do próprio paciente. Ele afirma que,

⁷⁷ SANTOS, Alice Marques dos. Meningite difusa e síndrome humoral de tumor *op. cit.*, p. 219.

⁷⁸ *Idem.*, p. 220.

⁷⁹ *Idem.*

inicialmente, vômitos sem náuseas eram frequentes, bem como dor na região lombar, febre e crises convulsivas sem perda de consciência. Depois, foi progressivamente perdendo funções da visão, da audição (direita) e do olfato e passou a ter “perturbações esfinceterianas” (prisão de ventre, retenção da urina).

Dr. Robalinho Cavalcanti acrescenta ao relato a progressão da patologia do paciente: a ausência de sinal de Romberg (avaliação da medula espinhal), de *clonus* (movimento involuntário dos músculos quando estimulados) e de reflexo patelar (sinal de Babinski). Um conjunto de exames também foi realizado: ocular (que mostrou certa deficiência das vistas, principalmente em relação aos reflexos foto-motores); radiológico (pequenas anomalias nos ossos lombares, alguns com diminuição do espaço articular, outros com volume exagerado da apófise); sanguíneo (a partir das diferentes reações, revelaram-se indicativos importantes de lesões). A análise dos exames e a observação do paciente levaram ao diagnóstico médico de síndrome humoral e de síndrome de hipertensão intracraniana.

Sobre isso, Alice Marques dos Santos apresenta suas conclusões, encerrando, assim, o artigo. Para ela, “a sintomatologia do doente, ao lado da síndrome humoral que apresenta, sugere imediatamente a possibilidade de tratar-se de tumor cerebral, hipótese a que nos filiamos desde o início”⁸⁰. Após cirurgia, verificou-se inflamação nas meninges e lesões na base craneana, o que afastava a possibilidade de tumor e sublinhava a existência de um caso de meningite difusa. Ou seja, a hipótese que relacionava “síndrome humoral de tumor num caso de meningite difusa”⁸¹, defendida pela médica, começava a assumir formas mais concretas. Sabe-se que esse tema interessava-lhe e que esteve presente em outros trabalhos que desenvolveu; é mesmo possível falar em termos de uma pauta clínica que frequentou suas pesquisas e orientou sua atuação clínica.

Pode-se perceber que a médica ao circular por diferentes espaços e em contato com diversos personagens, ocupou-se em desenvolver uma produção acadêmica-científica interessada principalmente pela neurologia – especialidade cuja paternidade no Brasil atribuiu-se a seu orientador, Antônio Austregésilo. Alice Marques dos Santos naqueles que foram seus principais cenários de atuação durante os primeiros anos de trabalho (FMRJ, SBNPML, HNA) estruturou os elos necessários para que pudesse atuar profissionalmente. As possibilidades abertas pela conjuntura de transformações sociais, políticas e culturais em que viveu abriram diversas janelas que possibilitaram sua interação com muitos grupos, cujas tendências e orientações ficaram impressas no desenvolvimento de seu trabalho. De forma alguma, a Dra.

⁸⁰ SANTOS, Alice Marques dos. Meningite difusa e síndrome humoral de tumor *op. cit.*, p. 222.

⁸¹ *Idem.*

Alice esteve isolada de seu contexto específico. Pelo contrário, foi mesmo uma personagem privilegiada em seu campo de atuação, cujos registros documentais oferecem elementos para o exame, não só de sua trajetória, mas da própria conjuntura de transformações que a sociedade brasileira experimentava.

É possível afirmar que a prática clínica fortaleceu seu interesse teórico, e vice-versa, de forma que esses cruzamentos deixaram indícios que possibilitam identificar características da produção do conhecimento, ao longo das décadas de 1930 a 1960, acerca de patologias psíquicas e da progressiva autonomização dos campos de conhecimento que integram a grande área da Psiquiatria. A produção acadêmica de Alice Marques, portanto, no que diz respeito aos diálogos estabelecidos, temáticas estudadas e abordagens adotadas revelam a personalidade intelectual de uma médica que não poupou esforços para assimilar o que de melhor os espaços por onde atuou poderiam oferecer. Ela incorporou o que conseguiu e, em diálogo com as estratégias que soube mobilizar a seu favor, desenvolveu um projeto profissional profundamente bem-sucedido que culminou, enfim, em sua ascensão à direção do Centro Psiquiátrico Nacional, no ano de 1964.

Considerações finais

Os caminhos percorridos pela comunidade psiquiátrica brasileira foram bastante complexos durante sua história. Em uma lógica que soube conjugar rupturas e continuidades, ao longo do século XX, percebe-se diversos movimentos de alteração e recomposição de seu funcionamento e organização. Essa comunidade, pouco a pouco, ganhou novos significados no interior de um tecido social mais amplo e se atualizou de acordo com novas demandas que incidiram sobre seus processos de construção e consolidação.

Nesta Monografia tentamos demonstrar que personagens como Alice Marques dos Santos foram fundamentais para essa movimentação, provocada, sobretudo, pelas tensões que se desenvolveram em diferentes arenas institucionais. Pode-se afirmar que a psiquiatria nacional passou por um processo importante de incorporação de sujeitos que em outros tempos e circunstâncias não integrariam seu núcleo mais visível; efetivamente, a área investiu na carreira de algumas médicas, o que abriu um conjunto de possibilidades para que atuassem e se destacassem nesse campo científico. De certa forma, esta é uma possibilidade de interpretação da trajetória da Dra. Alice que, desde os anos 1930, construiu, a partir das ferramentas de que dispunha e das mudanças socioculturais que favoreceram a presença feminina no mundo do trabalho, uma carreira profissional exitosa. Ao longo de, pelo menos, seus primeiros trinta anos de atividade como médica, foi responsável por elaborar sua imagem social, obtendo destaque e projeção entre seus pares, o que diferenciou-a das/dos demais. Esse percurso culminou em sua ascensão, no ano de 1964, ao cargo de diretora do Centro Psiquiátrico Nacional, tornando-se a primeira mulher na América Latina a alcançar esse posto.

Durante seus primeiros anos de carreira, o principal interesse da médica foi o de elaborar sua imagem profissional que a acompanharia por toda sua trajetória. Nessa direção, não poupou esforços para adotar estratégias que a auxiliaram a atingir seus objetivos. Por meio de sua inserção em associações científicas, participação em congressos, publicação em periódicos especializados, Alice Marques dos Santos conseguiu estabelecer uma série de relações que foram extremamente importantes para sua projeção no interior da comunidade psiquiátrica brasileira do século XX. Como discutimos no primeiro capítulo, seus primeiros passos conduziram-na, sem dúvida, às possibilidades que se lhe abriram posteriormente.

Já no segundo capítulo, nosso objetivo foi destacar como a Dra. Alice foi capaz de desenvolver uma produção acadêmica que ganhou notoriedade entre seus pares. Circulando entre a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o Hospital Nacional de Alienados e a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, interagiu com um incontável número de personagens, cuja importância para a sedimentação de seu trabalho procuramos

assinalar. Pacientes, familiares de pacientes, enfermeiros, administradores, gestores, médicos de outras especialidades, ao lado de seus companheiros de trabalho mais próximos, integraram a rede de articulações da médica e presenciaram o destaque que pouco a pouco ela alcançava, sobretudo, em razão das temáticas que a interessavam. Os debates em torno das patologias neurológicas formaram uma das bases de sua produção acadêmica e teriam sido elas que favoreceram a ampliação das redes de contato da Dra. Alice, tanto em relação a seus interlocutores do dia a dia, quanto externamente, no diálogo com profissionais de outras cidades, estados e países.

Ao analisar a formação profissional de Alice Marques dos Santos, é possível identificar alguns dos elementos presentes em seus anos de trabalho. Não foram poucas as funções que ocupou, do mesmo modo que seu esforço para nelas se destacar não foi pequeno. Como estudante de medicina na FMRJ, as interações que desenvolveu já ali dirigiram-na à ampliação de suas expectativas e de seus projetos na área da medicina psiquiátrica. Desde então, ela teria percebido que atuar na SBNPML poderia colocá-la no mesmo local em que exerciam suas funções as principais referências nos campos psiquiátrico, neurológico e da medicina legal, dada a importância da Sociedade àquela altura. Neste sentido, como secretária, bibliotecária e nas demais atividades que desempenhou, a Dra. Alice aprimorou as competências que resultaram em experiência e bagagem fundamentais para sua atuação posterior como médica psiquiatra de um dos principais centros de tratamento mental do Brasil, o HNA.

Por outro lado, a projeção da Dra. Alice no interior da comunidade científica em que escolheu atuar não pode ser examinada sem que se observe com atenção a crescente importância das mulheres que, desde 1920, passaram a integrar o conjunto de profissionais atuantes na Psiquiatria brasileira. Ao longo das primeiras décadas do século XX, evidentemente, seu número era ainda muito pequeno e, conforme aumentava, restringia-se a um determinado perfil de mulheres que poderiam financiar seus estudos em um curso tão elitizado como a medicina. Justamente por esses elementos, convém entender os processos e dinâmicas sociais responsáveis por oferecer as condições necessárias para essa forma de organização. A análise das fontes documentais, portanto, permite, não só, compreender a entrada da Dra. Alice, a partir da década de 1930, em um mundo essencialmente masculino – e, posteriormente, sua indicação ao cargo de maior importância em um hospital psiquiátrico na América Latina, ressaltando-se ter sido a primeira mulher a ocupá-lo – como, também, oferece elementos que possibilitam apreender a complexidade social, política e cultural daquele tempo-espaço.

Neste trabalho, em conformidade com a bibliografia e com a documentação selecionadas, procuramos demonstrar que, indiscutivelmente, as décadas iniciais do XX

vivenciaram a inserção, sobretudo no universo urbano, de mulheres em carreiras científicas, como é o caso de Alice Marques dos Santos. No entanto, não obstante o crescente número de ingressantes femininas nessas profissões, é preciso salientar que, do ponto de vista sociocultural, essas mulheres situavam-se predominantemente, nos segmentos sociais da classe média urbana. Assim, balizar os limites que indicam significados e sentidos para esse processo de assimilação também se faz necessário. Ressalte-se, ainda, que embora aumentasse o ingresso de mulheres em carreiras tradicionalmente ocupadas por homens, seu número era extremamente baixo nos espaços institucionais que compartilhavam. Neles, ou seja, nas agremiações, nas clínicas, nos hospitais, nas publicações científicas, o predomínio masculino ainda era bastante considerável. No tocante a essa constatação, um dos exemplos que exploramos, no Capítulo I, retomamos, agora: alguns cargos ocupados pela Dra. Alice continuavam flexionados no gênero masculino e não no feminino: na SBNPML, *bibliotecário*; no HNA, *médico psiquiatra*.

É inegável que a presença e a atuação de Alice Marques dos Santos trouxe novidades para a comunidade psiquiátrica, na medida em que seu ingresso e seus feitos nessa comunidade abriram fissuras no sólido edifício do patriarcalismo onipresente na sociedade brasileira e, por conseguinte, em seus espaços profissionais, em especial, no campo médico. A medida que foi se estabelecendo, a Dra. Alice conseguiu reformular regras que, pouco a pouco, alteraram a configuração daquele jogo profissional em que desejou exercer suas competências. Assim, é possível afirmar a centralidade de sua carreira para o início do gradativo processo de profissionalização de mulheres no campo da medicina psiquiátrica, visível, no Brasil, ao longo de toda a primeira metade do século XX.

Referências

Fontes

A Noite. “A nova directoria da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal”, 12 de maio de 1937, p. 22.

Archivos Brasileiros de Hygiene Mental. O IV Congresso Brasileiro de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal e as homenagens ao professor Austregésilo, Ano 7, n. 3, p. 39-40, jul.-set. 1934.

Correio da Manhã. “A nova diretoria da Sociedade Brasileira de Neurologia”, 30 de maio de 1936, p. 8.

Correio da Manhã. “Notas Médicas”, 28 de junho de 1964, p. 14.

Diario Carioca. “Na clinica neurologica da Faculdade de Medicina”, 3 de junho de 1936, p. 1.

Gil-Blas, 6 de janeiro de 1923, p. 8.

Jornal do Brasil, “A psiquiatria de Alice. Jornal do Brasil”, 15 de julho de 1964, p. 20.

Jornal do Brasil. “Educação e ensino”, 1 de dezembro de 1933, p. 14.

O Fluminense, “Collegio Altivo”, 8 de abril de 1920, p. 1.

SANTOS, Alice Marques dos. A barreira encéfalo-meningo-vascular. *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*, ano XIX, n. 2, p. 52-62, 1936.

SANTOS, Alice Marques dos. Meningite difusa e síndrome humoral de tumor. *Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria*, ano XVIII, n. 4, p. 218-224, 1935.

Sessão ordinária de neurologia. Realizada em 2 de julho de 1934. *Arquivos Brasileiros de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal*, ano XVIII, n. 2, 1935, p. 101.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 27, p. 213-254, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332006000200009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acessos em: 28/08/2019 e 05/09/2019.

BIRMAN, Joel. A cena constituinte da psicose maníaco-depressiva no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 17, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702010000600005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 05/09/2019.

CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. *A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)*. 2014. 234 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

CORRÊA, Mariza. Dona Heloísa e a pesquisa de campo. In: _____. *Antropólogas e antropologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

DIAS, Allister; RIBEIRO, Daniele; MACIEL, Laurinda; MATHIAS, Cátia. Os arquivos do Hospital Nacional de Alienados. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, v. 32, n. 1, p. 92-111, 2019. Disponível em: <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/930/1117>>. Acesso em: 05/09/2019.

DIAS, Allister Andrew Teixeira. *Arquivos de ciências, crimes e loucuras: Heitor Carrilho e o debate criminológico do Rio de Janeiro entre as décadas de 1920 e 1940*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015.

EDLER, Flávio. *Ensino e profissão médica na corte de Pedro II*. Santo André: Universidade Federal do ABC, 2014.

ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FACCHINETTI, Cristiana; CUPELLO, Priscila; EVANGELISTA, Danielle Ferreira. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, ciências, saúde - Manguinhos*, v. 17, supl. 2, p. 527-535, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702010000600015&script=sci_abstract>. Acesso em 08/11/2019.

FACCHINETTI, Cristiana *et al.* Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins: uma fonte com muita história. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 17, supl. 2, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000600015>. Acesso em: 05/09/2019.

FACCHINETTI, Cristiana; MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. Emil Kraepelin na ciência psiquiátrica do Rio de Janeiro, 1903-1933. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 20, n. 1, p. 239-262, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702013000100013>. Acesso em: 29/08/2019 e 05/09/2019.

FACCHINETTI, Cristiana *et al.* No labirinto das fontes do Hospício Nacional de Alienados. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.17, supl.2, dez. 2010, p.733-768. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-702010000600031&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 03/09/2019.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto. O imaginário moderno no Brasil. In: _____. (Orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KROPF, Simone. *O saber para prover, a fim de prover* – a engenharia de um Brasil moderno. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto (Orgs.). *A invenção do Brasil moderno, op. cit.*, 202-223.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *Fontes históricas*. PINSKY, Carla Bessanezi. São Paulo: Contexto, 2005.

MASSUNAGA, Magda Rigaud Pantoja. *O Colégio Pedro II e o ensino secundário brasileiro: 1930-1961*. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

MATHIAS, Cátia Maria. *O Pavilhão de Observação na psiquiatria do Distrito Federal: a gestão de Henrique Roxo (1921-1945)*. 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

MUÑOZ, Pedro Felipe Neves de. *À luz do biológico: psiquiatria, neurologia e eugenia nas relações Brasil-Alemanha (1900-1942)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2015. 356 f.

REVEL, Jacques. A história ao rés do chão. In: LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RIBEIRO, Daniele Corrêa. Ciência, caridade e redes de sociabilidade: o Hospício de Pedro II em outras perspectivas. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 23, n. 4, p. 1153-1167, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702016005007101&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 05/09/2019.

SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Editora Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos, 1979.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de. *Educação e profissionalização de mulheres: trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937)*. 2009. 174 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

STARLING, Heloísa; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TEIVE, Hélio *et al.* Professor Antonio Austregésilo: o pioneiro da neurologia e do estudo dos distúrbios do movimento no Brasil. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, v. 57, n. 3B, p. 898-902, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X1999000500030>. Acesso em: 28/08/2019.

VARGAS, Sylvia da Silveira Mello et al. A Faculdade de Medicina e a construção do Brasil moderno (1808-2008). In: GOMES, Marleide de Mota; VARGAS, Sylvia da Silveira Mello;

FRANCO, Talita Romero (Orgs.). *1808-2008 Faculdade de Medicina da UFRJ: transformações social, política, tecnológicas e evolução*. São Paulo: Editora Atheneu, 2008.

VENANCIO, Ana Teresa A.; CARVALHAL, Lázara. Juliano Moreira: a psiquiatria científica no processo civilizador brasileiro. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; RUSSO, Jane ~~Russo~~; VENANCIO, Ana Teresa A. (Orgs.). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.